

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS – IREL

MARINA PONTES

A QUESTÃO NUCLEAR IRANIANA E O PROJETO DE GOVERNO
NETANYAHU: VITÓRIA ELEITORAL ATRAVÉS DE UM DISCURSO DE
SEGURANÇA (2009-2014)

BRASÍLIA

2015

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS – IREL

MARINA PONTES

A QUESTÃO NUCLEAR IRANIANA E O PROJETO DE GOVERNO
NETANYAHU: VITÓRIA ELEITORAL ATRAVÉS DE UM DISCURSO DE
SEGURANÇA (2009-2014)

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Instituto de Relações Internacionais da Universidade de Brasília como exigência final para obtenção do título de Bacharel em Relações Internacionais, sob orientação da Prof.^a Dr.^a Vânia Carvalho Pinto.

BRASÍLIA

2015

MARINA PONTES

A QUESTÃO NUCLEAR IRANIANA E O PROJETO DE GOVERNO
NETANYAHU: VITÓRIA ELEITORAL ATRAVÉS DE UM DISCURSO DE
SEGURANÇA (2009-2014)

Monografia Aprovada pela Seguinte Comissão Examinadora:

Prof^a. Dr^a. Vânia Carvalho Pinto

Universidade de Brasília – IREL/UnB

Orientadora

Prof^a. Dr^a. Sônia Hamid

Instituto Federal de Brasília

Examinadora

Prof. Dr. Roberto Goulart Menezes

Universidade de Brasília – IREL/UnB

Examinador

Brasília

2015

AGRADECIMENTOS

À minha família, que sempre acreditou no meu potencial e me motivou a seguir meus sonhos, além de me amar incondicionalmente;

À Professora Vânia Carvalho Pinto, que pacientemente me auxiliou no desenvolvimento deste trabalho;

Aos integrantes do CEOR, pelos comentários enriquecedores e discussões produtivas;

Aos queridos chefes da Divisão do Oriente Médio I do Ministério das Relações Exteriores: Adriana, Eduardo, Leandro e Lucas, pelo incentivo em continuar a estudar Oriente Médio;

Às queridas e importantíssimas amigas Letícia Tofoli, Isabela Ottoni e Flávia Neme, por todo o apoio logístico e suporte emocional durante este ano.

RESUMO

O presente estudo analisa como a vitória eleitoral do partido Likud, nas eleições parlamentares israelenses em 2015, foi influenciada pela centralização da questão nuclear iraniana durante o período de 2009-2014. Como consequência da Operação *Cast Lead* (Gaza, 2008), o tema da segurança foi priorizado nas plataformas eleitorais dos partidos durante as eleições de 2009. O Likud priorizou este tema, centralizando o programa nuclear iraniano como a principal ameaça física e ideológica contra Israel. Durante o exercício de seus mandatos, o Primeiro-ministro Benjamin Netanyahu formulou um projeto de governo que se identificava como a solução para os problemas de segurança nacional do país. No âmbito doméstico, Netanyahu salientou esta questão em detrimento de outros desafios de segurança nacional, notadamente o conflito palestino. Também considerando a importância da comunidade internacional na efetividade de políticas de contenção contra o programa nuclear iraniano, e como estratégia de legitimação interna, Netanyahu apresentou discursos incisivos sobre a necessidade de impedir que o Irã pudesse desenvolver armas nucleares, propondo a criação de uma *red line*. Este discurso foi ressonante na população israelense, sobretudo porque o programa nuclear iraniano apresentava a possibilidade de aniquilação física, cenário percebido como um segundo Holocausto. Com uma plataforma que novamente priorizou a questão nuclear iraniana como emergencial, o partido repetiu uma estrutura de campanha que lhe identificava como o melhor prognóstico para os problemas de segurança. Esse contexto será estudado pela teoria de *framing*, priorizando a análise dos discursos realizados por Netanyahu tanto na esfera doméstica e na internacional.

Palavras-chave: eleições israelenses 2015 – Benjamin Netanyahu – Likud – programa nuclear iraniano – *Frame*.

ABSTRACT

The present study analyses how Likud Party political victory in the 2015 Israeli parliamentary elections was influenced by the focus given to the Iranian nuclear issue over the period between 2009-2014. As a consequence of the Cast Lead operation (Gaza, 2008), the security matter was prioritized in the parties electoral platforms throughout the 2009 elections. Likud has given priority to this issue, keeping the Iranian nuclear program central to the Israeli population as the preeminent physical and ideological threat to Israel. During his terms, the Prime Minister Benjamin Netanyahu drawn up a government project identified as a solution to the national security issues. Domestically, Netanyahu highlighted this issue instead of addressing other national security issues, such as the Palestinian conflict. Considering, as also, the international community's importance to the effectiveness of the containment policies against the Iranian nuclear program, and as a strategy of internal legitimation, Netanyahu made incisive statements about the urgency to stop Iran from developing nuclear weapons and proposing with a red line. This statement resonated to the Israeli people, mainly because the Iranian nuclear program presented the possibility of physical annihilation, which could be seen as a second Holocaust. With a platform which, once again, prioritized the Iranian nuclear matter as an emergency, the party repeated a campaign structure, identifying itself, once more, as the best prognostics to the Israeli security issues. This context will be studied by framing theory, prioritizing the analysis of the speeches given by Netanyahu both in the international and domestic spheres.

Keywords: 2015 Israeli elections – Benjamin Netanyahu – Likud – Iranian nuclear program – Frame.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1. Critérios do <i>Frame</i>	14
Quadro 2. Critérios de Ressonância	16
Quadro 3. Aplicação dos Critérios de Ressonância	45

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1. A TEORIA DE <i>FRAMING</i> E O CONTEXTO POLÍTICO ISRAELENSE	10
1.1 A TEORIA DE <i>FRAMING</i>	10
Quadro 1. Critérios do <i>Frame</i>	14
Quadro 2. Critérios de Ressonância	16
2. O <i>FRAMING</i> DIAGNÓSTICO: A QUESTÃO NUCLEAR IRANIANA COMO UMA AMEAÇA EXISTENCIAL	19
3. OS <i>FRAMINGS</i> PROGNÓSTICO E MOTIVACIONAL: AS ESTRATÉGIAS DE CONTENÇÃO DO PROGRAMA NUCLEAR IRANIANO E A MOBILIZAÇÃO DA SOCIEDADE ISRAELENSE	27
3.1 O <i>FRAMING</i> PROGNÓSTICO	27
3.2 O <i>FRAMING</i> MOTIVACIONAL	32
4. RESSONÂNCIA	36
Quadro 3. Aplicação dos Critérios de Ressonância	44
5. CONCLUSÃO	45
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	47

INTRODUÇÃO

Em 2008 casos de corrupção foram revelados contra o então Primeiro-ministro israelense Ehud Olmert, resultando em sua renúncia naquele mesmo ano. As lideranças de seu partido foram incumbidas de formar novo Governo, mas o fracasso de tal iniciativa levou à convocação de eleições parlamentares para o ano seguinte (GERSTENFELD, 2009, pp. 14-15). Nesse mesmo período, o grupo de militância palestina Hamas interrompeu a trégua em vigor com Israel e iniciou um intenso e constante lançamento de mísseis contra o território daquele país. Em resposta, as Forças de Defesa de Israel (FDI) lançaram a Operação *Cast Lead* simultaneamente ao desenvolvimento das plataformas eleitorais. Desse modo, o tema da segurança foi sobrevalorizado nas campanhas eleitorais, sobretudo na do Partido Likud e na de seu líder Benjamin Netanyahu.

Como candidato ao cargo de primeiro-ministro, Netanyahu se destacou como um dos preferidos (GERSTENFELD, 2009, p. 15), assim como a agenda de seu partido, que priorizou os assuntos de segurança nacional (RYNHOLD, 2010, p. 155). Durante essa campanha eleitoral, Netanyahu e o Likud abordaram tais questões como primordiais para Israel, salientando o programa nuclear iraniano como a principal ameaça existencial, em detrimento de outras questões como, por exemplo, o estabelecimento de um Estado Palestino e a expansão de assentamentos (RYNHOLD, 2010, p. 151). Mesmo após as eleições, a possibilidade de um Irã nuclear continuou a dominar as questões de segurança dos governos Netanyahu no período de 2009-2014. (MARCUS, 2009, p. 65; PETERS, 2013).

O cenário eleitoral de 2015 se caracterizou por um contexto similar ao de 2008/2009. Em meados de 2014, três adolescentes israelenses foram sequestrados e assassinados pelo Hamas, desencadeando um processo de crescente violência e indisposição entre Israel e a Autoridade Palestina, que havia acordado um governo de coalizão com o Hamas pouco tempo antes. O cenário de hostilidade suscitou no lançamento da Operação *Protective Edge*, ofensiva militar na Faixa de Gaza que tentou neutralizar o potencial ofensivo do Hamas e destruir passagens subterrâneas que eram utilizadas por terroristas. Apesar da repercussão negativa dessa operação, por causa do grande número de casualidades, a campanha eleitoral do Likud (final 2014 – início

2015) priorizou, novamente, o programa nuclear iraniano e o risco que o acordo em negociação significava para a segurança de Israel.

A centralização do programa nuclear iraniano como ameaça existencial, no período de 2009-2014, foi intensa. Ao salientar essa ameaça no plano interno, o Likud se projetou como resposta aos problemas de segurança do país, enquanto no plano internacional, o Primeiro-ministro Benjamin Netanyahu empreendeu uma forte campanha contra a negociação de um acordo, também como estratégia de alcance interno. Essas estratégias possibilitaram que o partido tivesse vitória nas eleições parlamentares de 2015 ao retomar uma campanha de priorização da questão nuclear iraniana. Portanto, este trabalho tem como objetivo analisar como essa centralização, realizada pelo Likud e Netanyahu durante 2009-2014, propiciou a vitória eleitoral deste partido nas eleições parlamentares de 2015.

Esse cenário será desenvolvido segundo a perspectiva da teoria de *framing*. A escolha dessa ferramenta analítica possibilita que o estudo de preferências eleitorais frente a um cenário de insegurança contribua com o entendimento da política externa do país. Isso é justificável porque a perspectiva construtivista do *frame* avalia a construção da identidade do Estado como fator relevante. Nesse caso, um problema de segurança nacional, que reflete nos resultados eleitorais, também se manifestará em determinadas condutas de política externa. Essa perspectiva também ressalta como um tema que é entendido prioritariamente como internacional (programa nuclear iraniano) é saliente no contexto doméstico israelense (eleições). Essa abordagem traz originalidade ao trabalho ao relacionar resultados eleitorais e política externa.

A partir dos instrumentos de análise da estrutura do *frame* a centralização do programa nuclear iraniano e suas repercussões no cenário político israelense, durante o período de 2009-2014, será medida pelos discursos de Netanyahu tanto na esfera doméstica, como na internacional. Estes serão avaliados e interpretados segundo as etapas do *frame*.

Esta monografia está dividida em seis seções. A primeira consiste na explicação da teoria de *framing* e a segunda, terceira e quarta, nas etapas de avaliação deste. A quinta seção analisa porque o *frame* foi eficiente no convencimento da população israelense de que o Likud deveria ser eleito para assegurar a integridade física e social de Israel. E, por fim, a última seção é a conclusão deste trabalho.

1. A TEORIA DE *FRAMING* E O CONTEXTO POLÍTICO ISRAELENSE

1.1 A TEORIA DE *FRAMING*

A partir da década de 1980, estudiosos de movimentos sociais passaram a se interessar em como ideias e significados poderiam ser responsáveis pela mobilização social, uma perspectiva de estudo até então negligenciada (SNOW; BENFORD, 2000, p. 613). Nesse contexto, o questionamento das estruturas analíticas do determinismo estruturalista e do utilitarismo proporcionou oportunidades de ascensão para outras estruturas (BENFORD, 1997, p. 409). A mobilização social através de fatores ideacionais, processos de interpretação e simbologia passaram a ser alvo de interesse crescente e foram discutidos sob o nome de ‘construtivismo social’ (SNOW; OLIVER, 1995, p. 586). A análise da construção de significados por meio de fatores ideacionais por estes estudiosos deu origem ao conceito de “*framing*”¹, que denota um fenômeno ativo e processual gerado na atividade de movimentos sociais e de produção de uma estrutura de interpretação ao nível da construção da realidade (SNOW; BENFORD, 2000, p. 614).

O *framing* destacou-se como abordagem analítica por considerar a mutabilidade do processo de significação (BENFORD, 1997, p. 410), propiciando o entendimento dos movimentos sociais como agentes de constante ressignificação da realidade, que não reproduzem apenas conjuntos organizados de ideias oriundos de estruturas rigidamente preestabelecidas (SNOW; BENFORD, 1988 *apud* SNOW; BENFORD, 2000, p. 613). Portanto, a perspectiva de análise do *framing* parte de pressupostos construtivistas, os quais afirmam que significados não se vinculam automaticamente ou naturalmente a objetivos, eventos ou experiências, mas surgem por meio da interação de processos interpretativos (SNOW, 2004, p. 384).

Utilizado primeiramente na psicologia da comunicação, o emprego do *frame* como ferramenta de análise foi importado para a sociologia e pioneiramente utilizado por Erving Goffman (1974) em “*Frame analysis: An essay on the organization of experience*”, estudo sobre os atos da comunicação. Nesta obra, Goffman define *frame*

¹ *Frame* pode ser traduzido como ‘moldura’ e *framing* como ‘emoldurar’. Os termos serão utilizados em inglês devido ao seu uso comum nas ciências sociais.

como uma estrutura de interpretação que permite “localizar, compreender, identificar e categorizar” (GOFFMAN, 1974, p. 21, tradução própria). A interdisciplinaridade dos estudos de movimentos sociais possibilitou a expansão desta concepção teórica, principalmente para o estudo das disputas políticas, propiciando a viabilidade da teoria de *framing* na conexão entre ideias e suas construções sociais com os processos organizacionais e políticos (OLIVER; JOHNSTON, 2000, p. 1).

Os *frames* são um conjunto de crenças e aceções que legitimam e inspiram as atividades e pleitos de um movimento social (SNOW; BENFORD, 2000, p. 614). Salienta-se que os *frames* não são apenas um agregado de percepções individuais, mas também o resultado do compartilhamento destas (GAMSON, 1992a, p. 111). Eles são construídos parcialmente pelos adeptos de um movimento social que, a partir do consenso sobre um problema, definem as origens deste e como ele pode ser resolvido (SNOW; BENFORD, 2000, p. 615). Esse processo considera a intencionalidade das ações de um movimento em nível organizacional (TARROW, 1998, pp. 108-112), ressaltando como a propaganda deste movimento reflete as estruturas de análise dos seus agentes estratégicos e as suas percepções das estruturas analíticas da audiência (OLIVER; JOHNSNTON, 2000, p. 9). Ou seja, o *frame* simplifica e confere significado a eventos, de modo que a mobilização de adeptos e a obstrução de antagonismos sejam possíveis em um movimento social (SNOW; BENFORD, 1988, p. 198). Conseqüentemente, o processo de interações interpretativas gera a atribuição de significados a partir de um conjunto de ideias que inspiram e legitimam as atividades de um movimento social (SNOW; BENFORD, 2000, p. 614). Em outras palavras, a estrutura de análise do *frame* propõe uma qualificação de contextos, dotados de significados por atores estratégicos, que tem como objetivo gerar a mobilização de uma audiência específica, considerando os resultados de um modelo de análises de interpretação (OLIVER; JOHNSTON, 2000, p. 4).

O *frame*² é constituído por dois conjuntos de características. A primeira característica se refere às ações ideologicamente orientadas, as chamadas *core framing tasks* (tarefas centrais do *frame*) e, a segunda, refere-se aos processos discursivos que assistem as ações ideologicamente orientadas de um movimento social e, portanto, geram os *frames* (dinâmicas e processos de *framing*) (GAMSON, 1992a; SNOW;

² Ou *collective action frames*.

BENFORD, 1992 *apud* SNOW; BENFORD, 2000, p. 615). As dinâmicas e processos de *framing* baseiam-se em três critérios que explicam como um *frame* é gerado e desenvolvido com o objetivo de elaborar as *core framing tasks* e promover a intersecção entre elas (SNOW; BENFORD, 2000, p. 623). Os três critérios são: processo discursivo; processo estratégico; e processo de contestação.

Os processos discursivos se referem aos atos de fala, ou comunicação escrita, que ocorrem dentro de um movimento social e que estão associados às atividades deste. Estes processos podem ser de dois tipos: articulação ou amplificação (SNOW; BENFORD, 2000, p. 623). A articulação do *frame* envolve a conexão e alinhamento dos eventos e experiências de modo que interpretações sobre essa relação possam ser construídas, enquanto que a amplificação se refere à acentuação de eventos, crenças ou situações para que estes possam ser ressaltados em detrimento de outros (*ibid.*). O processo estratégico se refere à característica utilitária do processo de *framing*: todo *frame* tem o objetivo de atingir algum objetivo e, conseqüentemente, estratégias de *alignment* são desenvolvidas (SNOW; BENFORD, 2000, p. 624). Por último, o processo de contestação se refere aos métodos utilizados pelos atores estratégicos para convencer a audiência de sua versão da realidade (SNOW; BENFORD, 2000, pp. 625-626).

As ações ideologicamente orientadas de um movimento social são chamadas de ‘tarefas centrais do *frame*’ (*core framing tasks*). David Snow e Robert Benford (1988) identificam três *core framing tasks*: i) o *framing* diagnóstico; ii) o *framing* prognóstico; e iii) o *framing* motivacional. As *core framing tasks* buscam resolver os problemas de consenso para que ocorra mobilização da audiência, ou seja, para que o *frame* se torne ressonante (KLANDERMANS, 1984).

O *frame* diagnóstico se refere à identificação de um problema pelo ator estratégico e sua apresentação à audiência. Este processo de *framing* também é apresentado como “*frame* da injustiça”, porque a constatação de um problema se vincula às reivindicações dos atores estratégicos com as quais a audiência se relaciona (GAMSON, 1992a, p. 68, 1992b). O fator ‘injustiça’ salienta como os movimentos sociais se identificam como vítimas, tentando realçar sua vitimização para alcançar algum tipo de mudança política e/ ou econômica (SNOW; BENFORD, 2000, pp. 615-616). Para que se proponha a mudança de uma situação é necessário que se identifique a

fonte do problema apresentado, por meio da atribuição de responsabilidade ou culpa a um agente específico (SNOW; BENFORD, 2000, p. 616). Quanto mais problemas são contemplados por um *frame*, maior é seu alcance e, conseqüentemente, maior será sua capacidade de efetividade (GERHARDS; RUCHT, 1992, p. 580). A apresentação de um problema, a partir da atribuição de responsabilidades, resulta na demarcação de limites entre “bom” e “mau”, construindo categorias opostas de atores: protagonistas e antagonistas (GAMSON, 1995).

O *framing* prognóstico envolve a articulação de uma solução ou um plano de ação e as estratégias para que o problema seja solucionado. Desse modo, a constatação de um problema e as suas origens restringem as possibilidades de soluções ressonantes que poderão ser apresentadas (SNOW; BENFORD, 2000, p. 616). Os desafios da apresentação de soluções que sejam efetivas levam à elaboração de estratégias de racionalização das soluções apresentadas pelo ator estratégico e negação de soluções propostas por oponentes, o que é chamado de *counterframing* (BENFORD, 1987, p. 75), um tipo de *frame* de contestação. A elaboração do *frame* prognóstico envolve, portanto, os elementos que integram os movimentos sociais: seus adeptos, opositores, a influência da mídia e todo o contexto onde ocorrem os eventos sociais (EVANS, 1997).

A partir da apresentação do diagnóstico e do prognóstico, o ator estratégico precisa motivar a mobilização da audiência em atividades qualitativas. O *framing* motivacional produz incentivo para que o engajamento nestas ações qualitativas seja possível, incluindo a formulação de um vocabulário motivacional apropriado. Este vocabulário é socialmente construído e, ao elevar a estima dos adeptos de um movimento, propicia o engajamento destes em ações coletivas e sustentam sua participação (SNOW; BENFORD, 2000, p. 617). Em um estudo sobre o movimento de desarmamento nuclear nos EUA, Benford (1993) argumenta que os vocabulários motivacionais são desenvolvidos de maneira a se tornarem atraentes para a audiência e sustentarem o engajamento desta (BENFORD, 1993, p. 200; BENFORD, SNOW, 2000, p. 617).

Quadro 1. Critérios do *Frame*

FRAME	
DINÂMICAS E PROCESSOS	CORE FRAMING TASKS
Processo discursivo	<i>Framing</i> diagnóstico
Processo estratégico	<i>Framing</i> prognóstico
Processo de contestação	<i>Framing</i> motivacional

O objetivo do *framing* é mobilizar certa audiência em relação ao problema que foi apresentado. O grau de mobilização social de um *frame* é medido por sua ressonância, ou seja, se um *frame* gerou a mobilização esperada pelo ator estratégico, então este foi ressonante, se a mobilização não ocorreu, então este não foi ressonante. Os *frames* variam em seu grau de ressonância, o qual é explicado por dois fatores interconexos: a credibilidade do *frame* e sua saliência relativa (SNOW; BENFORD, 2000: 619).

A credibilidade é composta de três fatores de avaliação: a consistência, a credibilidade empírica e a credibilidade do(s) articulador(es). A consistência do *frame* se refere à articulação lógica dos elementos constitutivos (CARVALHO PINTO, 2014, p. 165), ou seja, a congruência entre as crenças, as reivindicações e as ações de um movimento social (SNOW; BENFORD, 2000, p. 620). Segundo este raciocínio, quanto mais aparentes forem as inconsistências de um *frame*, menos este será ressonante.

A credibilidade empírica, o segundo fator que influencia a credibilidade de um *frame*, refere-se à conexão deste com os problemas existentes segundo a percepção da audiência (CARVALHO PINTO, 2014, p. 165). Em outras palavras, trata-se da consistência entre o *frame* e a percepção da realidade do público ouvinte e como estas se relacionam. William Gamson (1992b) salienta que a credibilidade empírica se refere à percepção, por parte da audiência, de que as reivindicações do *frame* diagnóstico e prognóstico têm referência empírica, mas que estas não são necessariamente factuais ou válidas. James Jasper e Jane Poulsen (1995, p. 496, tradução própria) explicam essa relação ao afirmar que “a credibilidade empírica está nos olhos do espectador”. Isto ocorre porque, hipoteticamente, quanto mais culturalmente verificável uma reivindicação é, maior a credibilidade do *framing* e seu poder de persuasão. Sendo que, a conexão entre a reivindicação e a realidade não deve ser crível para uma audiência generalizada, e sim para um segmento de adeptos ou potenciais adeptos (SNOW; BENFORD, 2000, p. 620).

O último fator que interfere na credibilidade no *frame* é a credibilidade dos articuladores. Há estudos importantes na área da psicologia social da comunicação que inferem que oradores que são considerados mais confiáveis são mais persuasivos (HOVLAND, WEISS, 1951; ARONSON, GOLDEN, 1962 *apud* SNOW; BENFORD, 2000, p. 621). O grau de persuasão também parece estar associado ao *status* do ator estratégico ou seu conhecimento técnico em alguma área (HASS, 1981; MCGUIRE, 1985 *apud* SNOW; BENFORD, 2000, p. 621).

Outro fator que interfere na ressonância do *frame* é a saliência. Esta identifica onde o *frame* estaria posicionado numa escala de importância dentro do sistema de crenças e experiências da audiência. É composta de três esferas: a centralidade, a comensurabilidade experimental e a fidelidade narrativa (SNOW; BENFORD, 1988). A centralidade de um *frame* se refere ao grau de importância que este assume dentro de um sistema de valores de um grupo alvo (CARVALHO PINTO, 2014, p. 165). Quanto mais centrais são as crenças, ideias e valores de um *frame* para sua audiência, maior a probabilidade de mobilização (SNOW; BENFORD, 2000, p. 621).

O segundo fator que influi na saliência de um *frame* é a comensurabilidade experimental. Este se refere à conexão do *frame* com as visões de mundo da audiência (CARVALHO PINTO, 2014, p. 166). Snow e Benford (2000, p. 621) argumentam que a centralidade está relacionada às experiências cotidianas desta. O último fator que afeta a saliência é a fidelidade narrativa. Este fator se refere à ressonância cultural de um *frame* (CARVALHO PINTO, 2014, p. 165), também tratado por outros autores como “mitos” (CAMPBELL, 1998), “premissas” (GOULDNER, 1970) e “ideologia inerente” (RUDÉ, 1980) da audiência (*apud* SNOW; BENFORD, 2000, p. 622). A fidelidade narrativa se refere ao quanto o *frame* pode ser relacionado com a identidade da audiência.

O conceito de ressonância é relevante na verificação do potencial efetivo de mobilização de um *frame* e, portanto, responde o porquê de alguns *framings* serem ressonantes, ou efetivos, enquanto outros não (SNOW; BENFORD, 1988 *apud* SNOW; BENFORD, 2000, p. 619). A efetividade do *frame*, baseado nos fatores mencionados acima, ocorre se a audiência identifica-se com as orientações interpretativas do ator estratégico. Essa interação se processa de forma congruente e complementar, associando um conjunto de interesses individuais, valores, crenças, metas e ideologias, o que é

entendido como ‘processos de alinhamento do *frame*’ (SNOW et al., 1986, p. 464). Estes se classificam em quatro tipos: *frame bridging*, *frame amplification*, *frame extension* e *frame transformation*. Cada um destes desenvolve um método específico para ampliar o potencial de mobilização, como a utilização de meios de comunicação e novas tecnologias, a hierarquização de valores fundamentais, a expansão de crenças e a reformulação do *frame* pela integração de novos valores (SNOW et al., 1986, pp. 467-476). Essas estratégias são importantes porque as “pessoas vivem em uma atmosfera cultural que pressupõe obrigações com relação a grupos com quem se identificam” (FIREMAN; GAMSON, 1979, p. 32, tradução própria), as quais dão origem à mobilização.

Quadro 2. Critérios de Ressonância

RESSONÂNCIA	
CREDIBILIDADE	SALIÊNCIA
Consistência	Centralidade
Credibilidade empírica	Comensurabilidade experimental
Credibilidade do articulador	Fidelidade narrativa

1.2 A TEORIA DE *FRAMING* NO CONTEXTO POLÍTICO ISRAELENSE

Na aplicação da estrutura do *frame* a esse contexto, considera-se que o ator estratégico é o Likud e, especificamente o candidato à Primeiro-ministro/ Primeiro-ministro Benjamin Netanyahu. O problema identificado por esse ator (diagnóstico) é a exposição da questão nuclear iraniana à população israelense (audiência)³. Ao centralizar esta questão, o Likud e Netanyahu caracterizaram a realidade de um Irã nuclear como uma ameaça existencial para Israel, amplificando este problema em detrimentos de outros desafios de segurança como a questão palestina, a situação do Líbano e da Síria e dos refugiados africanos.

Nas épocas de campanha eleitoral (2008-2009/ 2012-2013), o prognóstico apresentado pelo partido foi identificar-se como o único capaz de assegurar a

³ População israelense é entendida como os judeus-israelenses. Apesar do país também ser formado por outras etnias/ religiões, considera-se que a população árabe não vote em partidos judeus de direita e centro-direita, portanto o discurso do Likud é especificamente dirigido à população judia, a qual o discurso do partido pode encontrar ressonância.

integridade física de Israel. Durante o exercício dos mandatos, as soluções apresentadas por Netanyahu se relacionam, principalmente, com a condução de uma política externa de oposição à negociação do acordo nuclear iraniano por meio do convencimento da comunidade internacional a apoiar esta posição. Essa estratégia foi formulada a partir do argumento de que o programa nuclear iraniano tinha objetivos bélicos (contestação). A manifestação dessa diretriz de política exterior se deu, sobretudo, nos discursos de Netanyahu na Assembleia Geral das Nações Unidas (AGNU), no Congresso estadunidense e em algumas ocasiões nacionais, os quais constituem um processo discursivo.

A vitória do partido em 2009 e 2013⁴ foi assegurada pela centralização da questão nuclear iraniana, tanto nas respectivas campanhas, como durante os mandatos, quando tal questão continuou a ser central e, portanto, continuou a legitimar a plataforma sob a qual o partido havia sido eleito, o que constituiu um processo estratégico. A propaganda realizada pelo Likud focou nas capacidades de liderança e credenciais étnico-religiosas de Netanyahu. Além do intenso uso de *slogans* e de novas tecnologias, em uma clara estratégia de *framing* motivacional.

O *frame* elaborado pelo discurso do Likud/ Netanyahu foi ressonante por causa da percepção de insegurança que a população israelense tem sobre a situação regional do país. A experiência do Holocausto e outras situações de ameaça de aniquilação física na história do povo judeu também contribuíram para tal resultado.

Os capítulos seguintes serão desenvolvidos segundo a ordem das *core framing tasks* apresentadas. O *framing* diagnóstico apresenta o programa nuclear iraniano como ameaça existencial para Israel. O *framing* prognóstico expõe as estratégias de campanha do Likud e as políticas de defesa discutidas nos governos Netanyahu (2009-2012 e 2013-2014), no âmbito doméstico e internacional, em relação à ameaça de um possível ataque nuclear iraniano contra Israel. O *framing* motivacional mostra como o Likud e os governos Netanyahu motivaram a população judia-israelense a votar no partido e apoiar o governo por meio de *slogans* e propaganda. Por fim, o quarto capítulo analisa a ressonância e discorre sobre os fatores da credibilidade e saliência, explicando porque a

⁴ Segundo Peters (2013), a vitória eleitoral da coalizão Likud-Beitenu em 2013 se deu por causa da “incapacidade de liderança” dos concorrentes.

apresentação da questão nuclear iraniana por Netanyahu foi efetiva, possibilitando o sucesso do partido nas eleições parlamentares de 2015.

2. O FRAMING DIAGNÓSTICO: A QUESTÃO NUCLEAR IRANIANA COMO UMA AMEAÇA EXISTENCIAL

Para entender como o tema da segurança e, especificamente, a questão nuclear iraniana, foram centralizados no governo Likud a partir da campanha eleitoral de 2008/2009, é necessário traçar um breve panorama da política de segurança nacional israelense durante os anos que antecederam este período. Desta maneira é possível estabelecer uma comparação entre os dois contextos e, portanto, justificar o tratamento de tal questão como central ou prioritária.

Segundo Efraim Inbar, entre os anos de 2000-2008 os principais desafios de segurança para Israel se dividiram em dois eixos: o primeiro se refere à existência de grupos hostis ao ideal sionista, notadamente o Hezbollah e o Hamas; e o segundo, à ameaça nuclear iraniana (INBAR, 2008, p. 190). Nestes anos, os assuntos de paz e segurança assumiram papéis centrais na política israelense (RYNHOLD, 2007, p. 384), sobretudo porque estes grupos militantes e o programa nuclear iraniano representavam um risco de aniquilação física, ou seja, uma ameaça à *raison d'être* de Israel (EIRAN, MAILAN, 2013, p. 82). Nestes eixos, destacaram-se como grandes ameaças securitárias: a Guerra do Líbano (2006), a questão palestina e a potencialidade de obtenção de armas nucleares pelo Irã (INBAR, 2008).

A Guerra do Líbano em 2006 foi considerada um desafio de segurança para Israel em virtude das consequências negativas do conflito armado direto contra o Hezbollah. Em 2006, Israel lançou uma ofensiva aérea no sul do Líbano em resposta ao lançamento de foguetes e ao sequestro de dois soldados pelo Hezbollah (KOBBER, 2008, pp. 5-6). Erros táticos militares e a falta de preparo da inteligência resultaram em muitas casualidades entre as tropas israelenses, mesmo que maior número de mortes tenha sido registrado entre as tropas inimigas (*idib.*)⁵. A administração do então Primeiro-ministro Ehud Olmert (2006-2008) se fragilizou politicamente após o confronto com o Hezbollah, sobretudo por causa destes erros (INBAR, 2008, pp. 224-233). O número de militares e civis mortos, além da instabilidade gerada no norte do país, custou grande

⁵ O conflito durou cerca de um mês e foi encerrado pela resolução 1701 do Conselho de Segurança das Nações Unidas.

parte do apoio popular que o Primeiro-ministro e seu partido dispunham até então (*ibid.*).

Em relação à questão palestina, o período de 2000-2008 assistiu ao desmantelamento do processo de paz. Em 2000, as negociações de Camp David⁶ evidenciaram o fracasso dos Acordos de Oslo⁷ e, neste mesmo ano, teve início a Segunda Intifada⁸. Na política palestina, as vitórias de Mahmoud Abbas para Presidente da Autoridade Nacional Palestina (ANP) e do Hamas para o Conselho Nacional Palestino (CNP) em 2006 concretizaram uma separação ideológica entre estes dois grupos (INBAR, 2008, pp. 192-193). Enquanto representantes do Fatah⁹ estavam dispostos a negociar com Israel, o Hamas permaneceu advogando seu ideal de destruição do Estado judeu (*ibid.*). Consequentemente, todo o conjunto de negociações com os palestinos, nestes anos, foi a questão mais priorizada pelo governo israelense. Nesse contexto, o estabelecimento do Road Map¹⁰, a discussão sobre a construção do muro de separação¹¹, o plano de desengajamento unilateral de Gaza do ex Primeiro-ministro Ariel Sharon¹² e a tática de *target killing*¹³ se tornaram centrais no debate sobre segurança na política israelense (RYNHOLD, 2007, pp. 385-387; INBAR, 2008, p. 203).

⁶ Encontro entre o Presidente estadunidense Bill Clinton, o Primeiro-ministro de Israel Ehud Barack e o Presidente da Organização para Libertação da Palestina Yasser Arafat para negociação de um acordo definitivo para a questão palestina,

⁷ Série de acordos firmados entre EUA, Israel e Organização para Libertação da Palestina (OLP) em 1993. Estes definiam as diretrizes para a resolução da questão palestina, como a retirada das forças armadas israelenses da Faixa de Gaza, Cisjordânia, sul do Líbano e a negociações do *status* de Jerusalém, dentro de um período determinado.

⁸ Manifestações palestinas na Cisjordânia contra a ocupação israelense. Movimento espontâneo e popular onde é comum o arremesso de pedras. A Primeira Intifada aconteceu em 1987.

⁹ Partido político palestino predominante na Autoridade Nacional Palestina.

¹⁰ Iniciativa de negociação da questão palestina sugerida pelo Quarteto (EUA, União Europeia, Rússia e Nações Unidas), grupo formado em 2002 para mediar as negociações de paz do conflito israelo-palestino.

¹¹ Muro construído por Israel em torno e por dentro dos Territórios Palestinos Ocupados (Jerusalém Oriental e Cisjordânia) como medida de segurança contra ataques terroristas. Em 2004 a Corte Internacional de Justiça, em um parecer consultivo, declarou a construção do muro ilegal.

¹² O plano de retirada unilateral foi elaborado pelo Primeiro-ministro Ariel Sharon em 2005. Tal iniciativa consistiu na retirada militar e civil israelense da Faixa de Gaza, que estava ocupada desde 1967.

¹³ Tática de extermínio que planeja o assassinato de um indivíduo especificamente.

A apresentação do programa nuclear iraniano como um problema de segurança para Israel já havia sido debatida durante anos 1990: o ex Primeiro-ministro Yitzhak Rabin (1992-1995) percebeu que o envolvimento iraniano com o financiamento terrorista e a intenção daquele país em desenvolver um programa nuclear configurava um grande problema para Israel (INBAR, 2008, p. 214). Em 2001, Netanyahu salientou novamente o envolvimento iraniano com o terrorismo islâmico, caracterizando este não apenas como um problema para Israel, mas também como um problema para toda a comunidade internacional (NETANYAHU, 2001). E, entre os anos de 2005-2006, comandantes das forças de defesa israelense discutiam limitações de tempo para que as iniciativas diplomáticas da comunidade internacional fossem efetivas em interromper o desenvolvimento de um programa nuclear que pudesse construir armas (INBAR, 2008, p. 207)¹⁴.

Apesar da percepção da questão nuclear iraniana como uma ameaça existencial não ter sido uma novidade, as exigências de segurança de Israel, relacionadas a este tema, estiveram renegadas a uma posição secundária em comparação às questões diplomáticas que permearam as negociações de paz com a Palestina (DIKER, 2010, p. 90)¹⁵. Este cenário político se modificou durante a campanha eleitoral de 2008-2009. A priorização da questão nuclear iraniana foi central no plano de governo Likud nesta campanha eleitoral e durante os anos de governo que se seguiram (2009-2014). Netanyahu apresentou esta questão como a maior ameaça existencial para Israel, associando, muitas vezes, o risco de aniquilação física de um Irã com capacidade nuclear com o Holocausto.

Apesar da trégua negociada com o Hamas em 2008, o constante lançamento de mísseis contra os território israelense centralizou o tema da segurança na campanha eleitoral de 2008/ 2009 (GERSTENFELD, 2010, p. 15). E posteriormente, a Operação *Cast Lead* (2008), consolidou a questão como o assunto central desta eleição (RYNHOLD, 2010, pp. 153-155). Antes da incursão militar em Gaza, o foco da

¹⁴ Segundo tais comandantes, março de 2006 era o prazo final para que as iniciativas diplomáticas em relação ao programa nuclear iraniano fossem efetivas. A partir desta data tal programa estaria desenvolvido suficientemente para classificar um Irã como uma potência nuclear (INBAR, 2008, p. 207).

¹⁵ Segundo Diker (2010), as exigências de segurança de Israel, desde os Acordos de Oslo, tem sido renegadas a uma posição secundária de importância frente as negociações de paz. A “segurança baseada na diplomacia” tem sido a abordagem dominante da política externa israelense desde 1967, a qual considera que os acordos de paz garantiriam a segurança do Estado.

campanha voltou-se para a crise econômica global e debates sobre a capacidade de liderança dos candidatos à Primeiro-ministro. Contudo, a Operação *Cast Lead* elevou o tema da segurança para uma esfera de proeminência dentro das plataformas dos partidos, ainda mantendo a relevância das discussões sobre as capacidades de liderança (*ibid.*, p. 153).

Esta operação militar acabou por polarizar o tema de segurança devido à intensa cobertura midiática recebida. As FDI abriram seu próprio canal no *Youtube* para divulgar informações e imagens sobre a Operação, potencializando o alcance do conflito para a população israelense (STEIN, 2012). Desde então, a publicação de imagens e relatórios passou a ser uma atividade frequentemente utilizada pelas FDI (*ibid.*).

Nesse contexto, a questão nuclear iraniana foi centralizada como o principal assunto securitário (DEL SARTO, 2009, p. 423)¹⁶. Em sua plataforma eleitoral, o Likud apresentou e amplificou os assuntos de segurança em detrimento de assuntos de natureza socioeconômica, evidenciando o Irã e seu programa nuclear como uma ameaça existencial para Israel (DEL SARTO, 2009; GERSTENFELD, 2010). Ao se eleger por meio de uma plataforma que priorizou totalmente os assuntos securitários, Netanyahu continuou a anunciar o programa nuclear iraniano como a principal ameaça para o Estado de Israel durante todo o seu mandato (PETERS, 2013, p. 318).

A elevação da potencialidade de um Irã nuclear, como assunto emergencial, colocou em segundo plano as negociações de paz com a Autoridade Palestina, os planos de segurança para a região de Gaza e as possíveis negociações com a Síria (MARCUS, 2009, p. 65). Nesse sentido, era importante que Netanyahu continuasse a centralizar o programa nuclear iraniano como a principal ameaça para a população israelense. Percebendo isto, o Primeiro-ministro constantemente abordou esta questão em seus discursos: Netanyahu responsabilizou a política externa iraniana como a principal

¹⁶ A centralização desta questão, especificamente neste contexto eleitoral, foi resultado da movimentação iraniana em relação ao programa nuclear. Segundo relatórios das Inteligências estadunidense e israelense, o Irã havia suspenso as pesquisas na área em 2003, quando os EUA lançaram iniciativa militar sobre o Iraque como parte de sua política da Guerra contra o Terror (CORSI, 2009, pp.26-27; SANDERS, 2009, p. 81). Analistas militares israelenses atribuíram a paralisação do programa nuclear à *hudna* (pausa estratégica), mas concluíram que a retomada deste aconteceu pouco tempo depois (CORSI, 2009, p. 26). Entretanto, declarações do Diretor-Geral da Agência Internacional de Energia Atômica (AIEA) em 2009 sugeriam que havia possibilidade do programa nuclear iraniano nunca ter sido, de fato, interrompido (*ibid.*, p. 27).

desestabilizadora regional, amplificando o cenário de insegurança que seria instaurado caso o programa nuclear iraniano se tornasse uma realidade. Esta estratégia levou em consideração que a ascensão do Irã como uma potência nuclear regional também envolvia a influência deste sobre o Hezbollah e o Hamas (INBAR, 2008, p. 197). A relação entre estes grupos e o Irã preocupava Israel porque todas as iniciativas de desengajamento territorial, político e militar que este empreendeu desde os anos 2000 no Líbano e em Gaza, criaram um vácuo de segurança que foi explorado por estas organizações, as quais são financiadas pelo Irã (DIKER, 2010, p. 98).

Em junho de 2009, logo após assumir o cargo de Primeiro Ministro, Netanyahu realizou um discurso na Universidade de Bar-Ilan sobre segurança nacional. Nesta ocasião, Netanyahu falou sobre a relação do Irã com a expansão do terrorismo regional e como esta era responsável pelos atrasos nas negociações de paz (PRIME MINISTER OFFICE, 2009a). Para o Primeiro-ministro, a atenção dispensada sobre a questão nuclear iraniana e seus efeitos subordinava os assuntos diplomáticos de Israel:

“As ameaças regionais, para os Estados árabes e para Israel, advindas de um Irã com capacidade nuclear, sua aliança com a Síria e grupos terroristas regionais, além das recentes atividades d’al-Qaeda próximas às fronteiras de Israel, justificam a insistência de Israel em priorizar a segurança e posteriormente a diplomacia em relação aos palestinos.” (DIKER, 2010, p. 98, tradução própria).

Nesse seguimento, em discurso no Instituto Nacional para Estudos de Segurança, Netanyahu caracterizou a ameaça nuclear iraniana como um grande desafio de segurança para Israel não somente pelo risco de um ataque, mas também porque o conservadorismo iraniano era motivado pelo extremismo do fanatismo religioso (PRIME MINISTER OFFICE, 2012a). Este representava uma posição contrária aos valores ocidentais, os quais Israel era claramente um representante (*ibid.*). Desse modo, Netanyahu tratou a ameaça do programa nuclear iraniano por meio de uma abordagem que considerou a importância da proteção territorial e dos valores israelenses como representantes do Ocidente e como Estado judeu.

Apesar de a questão securitária ter sido importante no debate político israelense e ter dominado os quatro anos do mandato de Netanyahu, as eleições parlamentares de 2013 apresentaram certa ascensão de temas socioeconômicos. A campanha de 2012/2013 da coalizão Likud-Beiteinu não mencionou o programa nuclear iraniano, nem foi

apresentada plataforma (PETERS, 2013, p. 318). Sendo assim, a vitória de Netanyahu foi atribuída à “incapacidade política” dos demais concorrentes (*ibid.*). Neste mesmo ano, mudanças importantes ocorreram no desenvolvimento do programa nuclear iraniano: a intensificação das sanções pelos EUA e a eleição de Hassan Rouhani¹⁷ para Presidente do Irã. Mesmo que o programa nuclear iraniano não tenha sido mencionado durante este período de campanha, ele ainda continuou a ser percebido como a principal ameaça existencial para Israel no período de exercício do mandato.

Em discurso por ocasião do Dia da Recordação do Holocausto, Netanyahu falou da ameaça iraniana em termos de comparação com o regime nazista e o Holocausto. Ao citar declarações de líderes religiosos iranianos como os “sionistas são germes e bactérias [...] Judeus são pessoas imundas que espalham doenças” e que “Israel é um tumor que precisa ser extirpado do Oriente Médio”, Netanyahu retomou a ideia da ameaça constante ao povo judeu (PRIME MINISTER OFFICE, 2013a, tradução própria). Da mesma maneira que o regime nazista tentou aniquilar os judeus pelo Holocausto, o regime iraniano tentava fazer o mesmo com o Estado de Israel por meio de seu programa nuclear¹⁸. Cenário que, segundo Netanyahu, concretizar-se-ia rapidamente por causa do “ágil desenvolvimento do programa nuclear iraniano” (*ibid.*). Além disso, os perigos do extremismo religioso associados ao Irã já estavam “batendo à porta de Israel [Hezbollah e Hamas]” (PRIME MINISTER OFFICE, 2014a, tradução própria).

Apesar de citar outras ameaças securitárias para Israel, como o problema dos refugiados africanos ou ataques cibernéticos (PRIME MINISTER OFFICE, 2012a, 2014a), nenhuma outra questão foi tratada com tanta saliência por Netanyahu quanto o programa nuclear iraniano. Este foi debatido igualmente como uma ameaça física e ideológica.

Na esfera internacional, o Primeiro-ministro foi incisivo na apresentação do Irã como uma grande ameaça existencial: primeiramente para Israel e para o mundo árabe e, posteriormente, para o mundo ocidental e os valores de progresso e modernidade

¹⁷ Rouhani, em comparação com seu antecessor, adotou uma posição menos reacionária, incluindo maior disposição em negociar o acordo nuclear segundo as imposições dos P5+1 e da AIEA.

¹⁸ Esta abordagem foi repetida em discurso na AGNU. Netanyahu declarou que, enquanto os nazistas militavam por uma “*master race*”, os iranianos militavam por uma “*master faith*” (PRIME MINISTER OFFICE, 2014b).

(PRIME MINISTER OFFICE, 2009b). Em seu discurso na AGNU em 2009, Netanyahu caracterizou o Irã como uma entidade violenta, ressaltando as declarações antisemitas e de negação do Holocausto que Ahmadinejad havia feito naquela mesma ocasião (*ibid.*). Com o objetivo de expor o senso de urgência da questão, neste discurso, o Primeiro-ministro declarou que “a maior ameaça para o mundo é um Irã com armas nucleares”, salientando que a ameaça representada pelo Irã era mundial devido às redes terroristas que o país patrocinava, dentre elas, a al-Qaeda (*ibid.*, tradução própria).

A grande missão do governo israelense era demonstrar para a comunidade internacional que o problema do programa nuclear iraniano era sua finalidade bélica (PRIME MINISTER OFFICE, 2013b). A intenção militar do programa nuclear iraniano se configuraria como uma ameaça existencial por causa da política externa agressiva e antissionista do Irã, incluindo as redes terroristas que o país financiava (JASPAL, 2012). Durante o discurso na AGNU em 2010, Avigdor Lieberman, o então Chanceler israelense, salientou o Irã como o epicentro dos desequilíbrios regionais, além de ser o grande patrocinador do terrorismo regional e, portanto, inimigo da paz (MINISTRY OF FOREIGN AFFAIRS, 2010). A apresentação de Lieberman salientava que um país com tais características não poderia adquirir um programa nuclear, pois este ameaçaria toda a comunidade internacional. Em 2011, Netanyahu ainda afirmou que “o maior perigo enfrentado pelo mundo é que o fanatismo irá ser armar com armas nucleares. E é precisamente isto que o Irã está tentando fazer” (PRIME MINISTER OFFICE, 2011a, tradução própria).

No discurso da AGNU em 2012, Netanyahu traçou um paralelo entre a modernidade (representada por Israel e pelo Ocidente) e o atraso (representado pelo Irã), argumentando que este último se caracterizava pela violência, extremismo e intolerância (PRIME MINISTER OFFICE, 2012b). O Primeiro-ministro ressaltou a postura conservadora do Irã em relação a seu programa nuclear, caracterizando este como “a maior ameaça para o mundo”, a “mais iminente” e a que merecia ser percebido com o “maior senso de urgência” (*ibid.*, tradução própria). Desse modo, Netanyahu declarou que como Primeiro-ministro de Israel ele jamais “comprometeria a segurança das pessoas ou de seu país, o único Estado judeu.” (PRIME MINISTER OFFICE, 2013b, tradução própria). Netanyahu tentou demonstrar que a ameaça existencial representada por um Irã com capacidade nuclear era um cenário real para a perspectiva israelense. Nesse contexto, Netanyahu retratou o recém Presidente eleito, Rouhani, como “lobo em

pele de carneiro”, portanto incapaz de ser confiado, apesar de sua disposição para aceitar as condições de um acordo internacional (*ibid.*).

Apesar da audiência de Netanyahu ser a população israelense, a centralização da questão nuclear iraniana como uma ameaça existencial no plano internacional foi importante por dois motivos. Primeiramente, ao levar tal questão para a esfera internacional, Netanyahu pôde demonstrar para sua audiência que a plataforma sob qual ele foi eleito continuou a ser prioridade no período de exercício de mandato, inclusive norteando as diretrizes da política exterior na área de segurança. O segundo motivo, que justifica a importância do tratamento da questão no plano internacional, é a percepção de Netanyahu sobre a relevância da comunidade internacional para a concretização de suas estratégias de contenção da ameaça nuclear iraniana¹⁹. Neste contexto, o Primeiro-ministro falou sobre as injustiças que o povo judeu passou até que Israel fosse estabelecido e do papel da comunidade internacional naquela conjuntura. A conscientização da comunidade internacional sobre esta nova ameaça contra os judeus era necessária para que houvesse uma mudança de cenário em relação ao desenvolvimento do programa nuclear iraniano.

Nesse sentido, a retomada das rodadas sobre a negociação final do programa nuclear iraniano (janeiro/ 2014) e a Operação *Protective Edge* (junho-agosto/ 2014) centralizaram novamente o tema da segurança na campanha eleitoral de 2014/ 2015 do Likud (BBC NEWS, 2014). Apesar das repercussões negativas da operação militar em Gaza, a intensificação das discussões sobre os problemas sociais em Israel e as negociações entre o Irã e os P5+1 foram ressaltadas pela campanha eleitoral de Netanyahu (MOFTAH, 2015). Este pleiteou uma reeleição por meio da contínua centralização de um tema de segurança como emergencial ou ameaça securitária. Exemplo disso foi sua polêmica declaração sobre o não estabelecimento do Estado Palestino caso fosse eleito (RAVID, 2015).

¹⁹ Tema desenvolvido no capítulo seguinte.

3. OS *FRAMINGS* PROGNÓSTICO E MOTIVACIONAL: AS ESTRATÉGIAS DE CONTENÇÃO DO PROGRAMA NUCLEAR IRANIANO E A MOBILIZAÇÃO DA SOCIEDADE ISRAELENSE

3.1 O *FRAMING* PROGNÓSTICO

A partir da apresentação da questão nuclear iraniana como uma ameaça existencial, o objetivo do governo Likud foi o de elaborar planos de neutralização desta ameaça. Para que fossem ressonantes, os prognósticos propostos pelo partido deveriam considerar as expectativas da população israelense, o contexto político em que tal questão estava inserida e a refutação de argumentos contrários aos seus planos de ação (EVANS, 1997). Considerando essas exigências, o Likud formulou três estratégias de contenção da ameaça nuclear iraniana. A primeira estratégia foi utilizada nos períodos de campanha eleitoral (2008/ 2009 e 2012/2013) e diz respeito à identificação do partido, e conseqüentemente de Netanyahu, como o único capaz de assegurar a integridade física de Israel (GERSTENFELD, 2010; PETERS, 2013). A segunda estratégia procurou angariar o apoio da comunidade internacional para a suspensão do programa nuclear por meio da contestação das supostas intenções pacíficas deste (DINSKI, 2010). E a terceira estratégia foi a de treinamento civil e preparação de uma resposta militar adequada, no caso de um atentado nuclear contra Israel (*ibid.*).

A centralização do tema da segurança e, especificamente, do programa nuclear iraniano como uma ameaça emergencial, nas eleições de 2009, demandou que o Likud apresentasse uma solução para este problema. Nesse contexto, o partido desenvolveu uma campanha que retratou sua capacidade de governo, personificada em Netanyahu, como forte e capaz de lidar com os desafios de segurança no país (GERSTENFELD, 2010, p. 24), ou seja, como a solução para conter a ameaça nuclear iraniana. Ao contrário do que era defendido pelo Irã, Netanyahu argumentou que o programa nuclear em desenvolvimento era simplesmente um programa de construção de armas nucleares (*counterframing*) (PRIME MINISTER OFFICE, 2013b). Para que seu discurso fosse priorizado pela audiência, nesta mesma campanha, o Likud contestou a capacidade de liderança dos candidatos concorrentes, argumentando que estes representavam velhos padrões de administração e, portanto, eram incapazes de promover a mudança

necessária para assegurar a defesa de Israel (GERSTENFELD, 2010, p. 18)²⁰. A mudança que estava sendo apresentada pelo Likud era a priorização das exigências de segurança do país, cenário que era esperado pela opinião pública israelense (DIKER, 2010, p. 90) e sob o qual o partido pode apresentar-se como solução.

A segunda estratégia de contenção foi a tentativa de mobilizar a opinião da comunidade internacional a favor dos interesses israelenses: a suspensão do desenvolvimento do programa nuclear iraniano. Com esse objetivo, Netanyahu concentrou seus esforços na militância pelo endurecimento das sanções econômicas (FREILICH, 2012, p. 96) e, desse modo, na não negociação de um acordo, pois este “pavimenta[va] o caminho do Irã para uma bomba” (WASHINGTON POST, 2015, tradução própria). A apresentação de o programa nuclear iraniano como ameaça existencial para a comunidade internacional foi essencial para que essa estratégia também fosse ressonante na esfera doméstica. Primeiramente, o tratamento desta questão na política externa legitimava a plataforma pela qual o partido havia sido eleito, manifestando um claro processo estratégico formulado pelo Likud. Além disso, Netanyahu considerou que a proposição de uma estratégia de contenção que fosse realmente efetiva dependeria do apoio da comunidade internacional. Dessa maneira a população israelense também enxergaria a iniciativa internacional de Netanyahu como um plano de ação válido para o contexto doméstico. Nesse cenário, a única alternativa pacífica que impediria o desenvolvimento de armas nucleares seria a combinação de fortes sanções e uma ameaça militar colateral (PRIME MINISTER OFFICE, 2013b).

Esta estratégia de contenção por meios diplomáticos foi, em parte, resultado de um alinhamento com a política externa da administração Obama²¹, o que não impediu que o governo israelense subscrevesse a quaisquer outros tipos de sanções que pudessem determinar a neutralização da ameaça iraniana (BEN-MEIR, 2010, p. 62). A proximidade política com os EUA possibilitou que Netanyahu fizesse intensa propaganda contra o programa nuclear iraniano naquele país. Em visita oficial aos EUA em maio de 2009, Netanyahu pediu publicamente para que o Presidente Obama firmasse um “compromisso que garantisse que o Irã não desenvolveria capacidade

²⁰ A campanha eleitoral seguinte representou o mesmo prognóstico (PETERS, 2013, p. 318).

²¹ Segundo Ben-Meir (2010, p. 62, 65) a relação privilegiada de Israel com os EUA compeliu o alinhamento israelense com a política de diplomacia da administração Obama. Este alinhamento também previu a probabilidade de requerer apoio militar dos EUA, caso fosse necessário.

nuclear militar” (THE WHITE HOUSE, 2009, tradução própria). E em discurso para o Congresso estadunidense em 2011, Netanyahu congratulou o envolvimento do país em resolução do Conselho de Segurança das Nações Unidas (CSNU) que estipulava sanções mais rígidas ao Irã (PRIME MINISTER OFFICE, 2011a)²². Para o Primeiro-ministro, esta iniciativa representou um importante posicionamento contra a obtenção de armas nucleares pelo Irã (*ibid.*). Nesse mesmo período, os *establishments* de segurança dos EUA e de Israel trabalharam conjuntamente para atrasar o desenvolvimento do programa nuclear iraniano (EIRAN; MAILIN, 2013, p. 85)²³.

Aproximação semelhante também foi empreendida com a União Europeia (UE), sobretudo porque o posicionamento europeu em relação ao programa nuclear iraniano havia se modificado consideravelmente após a descoberta da usina de enriquecimento de urânio próxima a Qom em 2006 (BEN-MEIR, 2010, pp. 66-67). Desde aquele ano as sanções sobre o Irã passaram a ser uma pauta relativamente recorrente no bloco europeu, especificamente quando este tentou abordar tal questão por meio de uma lógica de “diálogo e pressão” (TRABIZI; SANTINI, 2012). Percebendo a importância da UE na consolidação de sua estratégia de contenção, Netanyahu se empenhou em trabalhar em conjunto com o bloco europeu, salientando a necessidade de implementação de sanções mais rigorosas. Em 2009, munido de relatórios da Inteligência israelense que atestavam a determinação iraniana em obter armas nucleares, o Primeiro-ministro visitou a Europa para apresentar a perspectiva israelense sobre o tema e, desse modo, traçar um alinhamento com a política europeia sobre tal questão (BEN-MEIR, 2010, p. 67).

Para os demais países da comunidade internacional, a apresentação de prognósticos para contenção de o programa nuclear iraniano ocorreu no âmbito dos discursos israelenses na AGNU. Nessas ocasiões, Netanyahu foi incisivo em relação à

²² De 2006 a fevereiro de 2015 o CSNU adotou oito resoluções em relação ao programa nuclear iraniano. As duas primeiras pedem a suspensão do enriquecimento de urânio pelo Irã; a terceira impõe embargos ao país; a quarta e a quinta estabelecem o monitoramento de indivíduos e/ ou instituições que possam estar relacionados ao programa nuclear; e as três seguintes restringem o envolvimento iraniano em atividades que possam ser relacionadas ao desenvolvimento de armas nucleares, além da permanência e intensificação do monitoramento de indivíduos ou instituições.

²³ Apesar da coordenação logística e diplomática entre estes dois países, os ataques cibernéticos às instalações iranianas não tiveram sua autoria confirmada. Assume-se que estes foram realizados por Israel em parceria com os EUA (EIRAN; MAILIN, 2013, p. 85).

manutenção das sanções e a oposição das negociações dos P5+1²⁴, além da criação de uma “*red line*”²⁵ (PRIME MINISTER OFFICE, 2012b, 2013b). Como Primeiro-ministro de Israel, Netanyahu não arriscaria o futuro de seu país em “ideias ilusórias” e, portanto, era essencial convencer toda a comunidade internacional a compartilhar de sua posição: o programa nuclear iraniano deveria ser impedido ao invés de negociado (PRIME MINISTER OFFICE, 2011a)²⁶.

Em 2009, o discurso do Primeiro-ministro na AGNU foi de tom moderado em relação à eminência de um ataque iraniano (PRIME MINISTER OFFICE, 2009b; FREILICH, 2012, p. 94), postura que não impediu a expressão do senso de urgência que a questão deveria tomar como discussão na agenda de segurança internacional (PRIME MINISTER OFFICE, 2009b). Em 2011, Netanyahu argumentou sua oposição às negociações do programa nuclear iraniano como “não disposição a comprometer a segurança nacional ou os interesses vitais do Estado [de Israel]” (PRIME MINISTER OFFICE, 2011a, tradução própria). Contrapondo-se às abordagens mais comedidas dos anos anteriores, este discurso apresentou declarações mais categóricas sobre a oposição israelense às negociações. Netanyahu pediu uma intervenção ativa: “a comunidade internacional deve parar o Irã antes que seja tarde demais [antes que este adquira armas nucleares]” (PRIME MINISTER OFFICE, 2011a, tradução própria).

Apesar de considerar a via diplomática melhor que a alternativa militar (WILNER; KEINON, 2012), Netanyahu insistiu que a imposição de sanções e os outros meios diplomáticos sob os quais o programa nuclear iraniano estava sendo negociado resultaram em um contexto pouco favorável para Israel (PRIME MINISTER OFFICE, 2012b). Para o Primeiro-ministro, o erro da abordagem diplomática estava na ilusão de que o Irã estaria “atrasando” suas pesquisas por causa das negociações, enquanto este “ganhava tempo” para o desenvolvimento de armas nucleares (*ibid.*). Nesse seguimento, Netanyahu introduziu a ideia do estabelecimento de uma “*red line*”. No discurso da

²⁴ Grupo formado por EUA, Rússia, China, Reino Unido, França e Alemanha que iniciaram esforços diplomáticos em 2006 para negociar o programa nuclear iraniano. O P5+1 tem trabalhado em conjunto com as resoluções do CSNU.

²⁵ A *red line* viabilizaria a concepção de “ameaça militar colateral” por estabelecer um limite de tolerância para o desenvolvimento do programa nuclear iraniano. Caso esse limite fosse ultrapassado, a opção militar seria definitivamente considerada com meio para parar tal desenvolvimento.

²⁶ A crítica de Netanyahu quanto à negociação do programa nuclear iraniano era relativa aos termos das negociações dos P5+1 e não de à concepção de negociação do programa em termos gerais.

AGNU em 2012 foi apresentado um diagrama explicando as fases de desenvolvimento do programa nuclear iraniano, o qual definiu o ponto onde enriquecimento de urânio possibilitava a construção de uma bomba.

Além desta alternativa, foram propostas quatro condições para que o programa nuclear iraniano pudesse se desenvolver de maneira transparente, ou seja, impedindo que qualquer artifício militar pudesse ser produzido: i) interrupção de todo o enriquecimento de urânio; ii) retirada das instalações de enriquecimento de todo o território iraniano; iii) desmontar a capacidade nuclear de *breakout*, incluindo as instalações subterrâneas; e iv) parar os reatores no Iraque e a produção de plutônio (PRIME MINISTER OFFICE, 2012b).

O avanço nas negociações dos P5+1 com o Irã durante os governos de Netanyahu não passou despercebido. Perante a eminência da realização de tal acordo, Netanyahu propôs três condições para que o programa nuclear fosse discutido e as sanções contra o Irã fossem suspensas²⁷: i) interrupção da agressão contra os países vizinhos; ii) interrupção do patrocínio ao terrorismo e; iii) interrupção das ameaças de aniquilamento contra o Estado de Israel (WASHINGTON POST, 2015). Essa proposta, contudo, não representava um horizonte satisfatório, já que, para Netanyahu, a melhor opção seria o abandono do acordo em andamento: “... por mais de um ano nós ouvimos falar que nenhum acordo é melhor do que um acordo ruim. Bem, este é um acordo ruim. É um acordo muito ruim. Nós estamos melhor sem ele” (*ibid.*, tradução própria).

Mesmo que a diplomacia tenha sido priorizada como método de negociação, a probabilidade de um ataque militar também foi considerada (CORSI, 2009; BEN-MEIR, 2010). Conseqüentemente, a terceira estratégia de contenção não foi concebida apenas como uma medida preventiva. Esta foi formulada considerando uma atuação militar de resposta juntamente com um treinamento civil, caso um ataque contra Israel fosse deflagrado.

Em agosto de 2009 Netanyahu e Ehud Barak, o então Ministro da Defesa, iniciaram uma forte argumentação política através de aparições em diversos tipos de mídias e fóruns para comentar sobre um possível ataque iraniano com objetivo de

²⁷ Essa proposta era diferente da apresentada pelo acordo em negociação, a qual o governo israelense percebeu como pouco efetiva na contenção da ameaça iraniana em relação à Israel.

preparar a população para as possíveis consequências (FREILICH, 2012, p. 94). A possibilidade de um ataque preemptivo resultou em iniciativas militares coordenadas pela Inteligência, pelas FDI e pelo Mossad²⁸: em junho de 2009, Israel navegou um submarino *Dolphin-class* capaz de lançar mísseis nucleares do Canal de Suez, também sinalizando que o Egito estaria disposto a cooperar contra a ameaça iraniana (CORSI, 2009, pp. 98-99). Apesar de não ter sido confirmado como preparação em caso de um ataque preemptivo, neste mesmo mês, sirenes soaram por todo país como parte do maior treinamento de defesa civil do país. (*ibid.*, 95-96).

O processo de tomada de decisão, nesse contexto, considerou o conteúdo político e militar da situação (BEN-MEIR, 2010, p. 97; FREILICH, 2012, pp. 96-97), gerando uma elevada coordenação entre o Primeiro-ministro, o Ministro da Defesa e a Inteligência das FDI. Mesmo com a incerteza de que um ataque seria deferido contra Israel, Netanyahu e Barak obtiveram êxito em constranger a comunidade internacional a pressionar o Irã, salientando as ameaças feitas por aquele país (FREILICH, 2012, p. 96).

Diferentemente do sucesso desta articulação político-militar, a discussão sobre a necessidade de uma ação militar israelense, frente ao programa nuclear iraniano, gerou preocupações além das mais imediatas como a probabilidade de aniquilação física. Mesmo que a questão fosse menos discutida na esfera pública, havia uma preocupação de que um Irã armado nuclearmente diminuiria as opções de *deterrence* de Israel, levando o país a reconsiderar sua própria política nuclear (EIRAN; MAILAN, 2013, p. 81)²⁹.

3.2 O FRAMING MOTIVACIONAL

Para a perspectiva israelense, a ameaça iraniana se equivale às ameaças representadas pelos inimigos históricos/ míticos e pelo Holocausto e, portanto, seu engajamento na oposição do programa nuclear significa que a passividade do povo judeu frente a crimes genocidas (ou ameaça deles) não existe mais (WASHINGTON

²⁸Serviço secreto israelense.

²⁹ Segundo o General Ami Aylon, ex-comandante da Marinha de Israel e da Agência de Segurança Israelense, as declarações israelenses sobre a necessidade de ação militar na questão colocam a ambiguidade do programa nuclear israelense em risco (EIRAN; MAIRAN, 2013, p. 81).

POST, 2015). As campanhas eleitorais do Likud em 2009 e 2013 se empenharam em mostrar aos israelenses que a postura ativa frente às ameaças existenciais do país seria exercida pelo partido e por isso ele deveria ser eleito.

Durante o período que antecedeu as eleições de 2009, Netanyahu empreendeu uma série de mudanças estruturais no Likud com o objetivo de fortalecer sua posição dentro do partido e reabilitar sua imagem pública (DISKIN, 2010, p. 57). Estas se concentraram, principalmente, na integração de políticos de posicionamento mais centrista (*ibid.*). De uma família revisionista³⁰ e partidária de políticas econômicas liberais, Netanyahu foi considerado uma figura moderada dentro do espectro político da direita. A adoção de uma orientação menos polarizada dentro do partido possibilitou que o Likud atraísse eleitores de centro, sobretudo num contexto onde os partidos de centro expressavam posições mais à esquerda (*ibid.*, p. 58) e partidos de esquerda adotavam posições mais radicais (INBAR, 2010, p. 75).

Nesta eleição, o Likud apresentou sua propaganda em duas estratégias: a primeira caracterizou o partido como o ‘partido da mudança e de um novo começo’; e a segunda centralizou a figura de Netanyahu como o líder forte e capaz de enfrentar os desafios do país. “*Together we can succeed*”, o *slogan* de campanha do Likud, foi um claro intertexto com o *slogan* da campanha presidencial de Obama daquele mesmo ano (GERSTENFELD, 2010, p. 18). A semelhança da campanha eleitoral de Netanyahu com a campanha presidencial estadunidense tinha como objetivo estabelecer uma comparação entre a mudança introduzida pelo governo Obama³¹ e a mudança que o Likud apresentava para a política israelense (*ibid.*). Em contrapartida, os partidos concorrentes foram retratados como fracos ou incapazes (GERSTENFELD, 2010; RYNHOLD, 2010). A centralização de Netanyahu como um líder forte e capaz de governar e proteger Israel foi resultado da personificação do partido na figura deste. O *slogan* do site de Netanyahu: “*Netanyahu: strong on security, strong on economy*” (GERSTENFELD, 2010, p. 24), expôs não somente as características individuais do candidato, como também as principais diretrizes do partido naquela eleição.

³⁰ Facção nacionalista do sionismo que defende o estabelecimento de um Estado judeu em ambos os lados do rio Jordão.

³¹ Obama foi eleito em 4 de novembro de 2008, período que a campanha eleitoral israelense ainda acontecia.

Outra estratégia de campanha, também inspirada no modelo estadunidense, foi a tentativa de aproximação com os eleitores por meio de plataformas digitais, principalmente o *Twitter* (GERSTENFELD, pp. 18-19). A ascensão da internet, como o principal meio de comunicação entre os eleitores e candidatos, possibilitou que a figura do partido se deteriorasse enquanto a figura de líderes individuais assumisse maior relevância (LIVAK; LEV-ON; DORON, 2011, p. 446). O intenso uso da internet pelo Likud nesta campanha foi uma estratégia do partido para que suas propostas, candidatos e materiais de *marketing* pudessem ser mais acessíveis à população e, portanto, resultassem no aumento de apoio ao partido (LEV-ON, 2011, pp. 1-4).

A projeção da imagem de um líder que protege os interesses de segurança de sua população foi idealizada em reação à “ameaça existencial” representada pelo programa nuclear iraniano. Netanyahu se referiu constantemente às negociações dos P5+1 com o Irã como um “erro histórico” e um “acordo ruim”. Essa caracterização foi parte de um vocabulário elaborado por Netanyahu para apresentar a situação como emergencial. Este, por sua vez, justificava sua representação como um guardião da integridade física e ética de Israel. Tal imagem foi projetada pelo seu engajamento contra o programa nuclear iraniano e pela defesa da segurança de Israel como um Estado judeu. Como representante da população e do Governo israelense, Netanyahu declarou diversas vezes que a centralidade da questão iraniana como uma ameaça existencial salientava sua missão de proteger a população de qualquer ameaça (PRIME MINISTER OFFICE, 2012b, 2013a, 2013c). Em discurso na Universidade de Bar-Ilan em 2009, ressaltando o perigo das pretensões do regime iraniano em relação ao desenvolvimento de um programa nuclear, Netanyahu evocou o “direito de autodefesa de Israel” como a razão que justificava sua iniciativa em advogar contra a negociação do programa nuclear iraniano (CORSI, 2009, p. 70). Ao fazer tal declaração, Netanyahu associou que a proteção de Israel está associada à proteção do “lar judeu”, onde a identidade judaica foi forjada (PRIME MINISTER OFFICE, 2009a).

Apesar da questão ter proeminência no plano doméstico, Netanyahu enfatizou sua figura com o protetor de Israel na esfera internacional. Isso ocorreu porque, assim como as estratégias de contenção apresentadas estiveram focadas em iniciativas internacionais, a projeção dessa imagem fora da esfera doméstica era ressonante nesta. Em 2011, também em discurso na AGNU, Netanyahu enfatizou que a defesa de Israel era uma importante tarefa pessoal: “Como Primeiro-ministro de Israel, eu não posso

arriscar o futuro do Estado judeu em ideias ilusórias” (PRIME MINISTER OFFICE, 2011b, tradução própria). No discurso 2012, elementos da identidade judaica e de compromisso político foram abordados por Netanyahu como apresentação de seu empenho com a segurança do país: a superação do povo judeu em relação aos seus inimigos e às ameaças existenciais e a proteção de Israel como um direito e um dever para o cargo de Primeiro-ministro (PRIME MINISTER OFFICE 2012b). A exposição desses elementos foram estratégias utilizadas por Netanyahu para legitimar a plataforma sob a qual ele fora eleito e, conseqüentemente, manter o apoio de seu governo.

Mesmo que a ameaça nuclear iraniana não tenha sido enfatizada durante a campanha de 2012/2013³², o *slogan* divulgado pelo Likud remeteu às questões de segurança, semelhantemente a campanha anterior: “*A strong Prime Minister for a strong Israel*” (PETERS, 2013, p. 318). Neste mesmo ano, o discurso na AGNU apresentou, novamente, a defesa de Israel como uma tarefa pessoal para o Primeiro-ministro: “Eu nunca comprometerei a segurança do meu povo ou do meu país, o único Estado judeu” (PRIME MINISTER OFFICE, 2013b). Netanyahu seguiu com esse posicionamento no ano seguinte, declarando que sua função como representante do povo de Israel era expor os perigos e oportunidades que cercam seu país (PRIME MINISTER OFFICE, 2014b). O Primeiro-ministro também salientou que além de ser sua tarefa defender Israel contra seus inimigos, o combate contra o extremismo e fanatismo também assegurava os valores e interesses da comunidade internacional³³ (*ibid.*).

Durante o período eleitoral de 2014/ 2015, Netanyahu continuou a se utilizar da figura de um líder forte contra o programa nuclear iraniano como principal estratégia motivacional. Em uma de suas principais propagandas, Netanyahu fez um trocadilho entre as palavras *babysitter* (babá, em inglês) e *Bibi-sitter* (Bibi é o apelido de Netanyahu), demonstrando para a população israelense que ele era o único capaz de “proteger/ cuidar das crianças de Israel”, ou seja, que o Likud era a única opção viável para proteger Israel de seus inimigos (NETANYAHU, 2015).

³² Capítulo 2.

³³ Neste trecho Netanyahu fala sobre a relação do Hamas com o Irã e que sua luta contra este tipo de fanatismo representado nesta relação não compreendia apenas aos interesses israelenses, mas também compreendia os valores e interesses da comunidade internacional (PRIME MINISTER OFFICE, 2014b).

4. RESSONÂNCIA

A centralização do programa nuclear iraniano foi, em 2009, apresentado pelo Likud como o principal tema em sua agenda de segurança. Este tema foi desenvolvido pelo partido como a maior ameaça existencial contra Israel e, sendo assim, apenas a liderança forte representada pelo Likud (Netanyahu) poderia assegurar a integridade do país. Nesse contexto, a caracterização do programa nuclear iraniano como ameaça existencial e a projeção de uma imagem de proteção serviu ao partido como estratégia eleitoral. Nos anos seguintes, Netanyahu manteve este discurso e formulou estratégias para neutralização do programa nuclear iraniano. Estas se desenvolveram tanto na esfera doméstica como na internacional, priorizando a defesa de Israel por meio de apelos à comunidade internacional para que o Irã não obtivesse capacidade nuclear militar.

Na campanha eleitoral de 2013, apesar do Likud não ter apresentado plataforma e, tampouco ter sido incisivo em relação à questão iraniana como o fora na eleição passada, o partido divulgou *slogan* de campanha similar ao de 2009. Ao fazê-lo, o Likud teve como objetivo reforçar o conceito de liderança forte. Apesar dos assuntos de natureza socioeconômica terem sido relevantes durante esse mandato, a questão nuclear iraniana não deixou de ser a principal preocupação do governo na área de segurança. Tal situação se repetiu no contexto das eleições de 2015. Mesmo após a recente operação em Gaza entre julho/ agosto de 2014, e as consequências negativas que esta trouxe para Israel, Netanyahu continuou a priorizar o programa nuclear iraniano como a ameaça mais iminente para Israel.

A aceitação desse discurso pela população israelense é explicada pelo conceito da ressonância. A ressonância descreve porque o discurso veiculado pelo Likud e/ ou Netanyahu durante o período eleitoral e os mandatos de 2009 e 2013 foram percebidos como importante pela população israelense e, portanto, motivaram o apoio ao governo Likud em 2015. Considerando o Likud e, especificamente Netanyahu, como o ator estratégico, e o programa nuclear iraniano como a ameaça apresentada, os critérios de credibilidade e saliência, que são os parâmetros de avaliação da ressonância, foram aplicados na exposição da questão nuclear iraniana como uma ameaça existencial as estratégias de contenção desta ameaça; e as táticas de motivação empreendidas pelo Likud e Netanyahu para mobilizar a sociedade israelense.

A priorização do programa nuclear iraniano como ameaça existencial ressaltou que os principais desafios de segurança para Israel, nesta questão, relacionavam-se ao antissemitismo da política externa iraniana e a relação do Irã com os grupos terroristas regionais. Estes grupos, notadamente o Hezbollah e o Hamas, militam contra Israel e frequentemente executam ataques contra aquele país. Nesse contexto, o advento de um programa nuclear viabilizaria o acesso de grupos que já são hostis a Israel a materiais nucleares. Esta realidade pode ser facilmente percebida pela população israelense, conferindo *credibilidade empírica* à questão.

Segundo Jaspal (2013, p.233), o Irã, ao contrário de outros países no Oriente Médio, sanciona abertamente o antissemitismo, incorporando em suas políticas uma plataforma antissionista. A eleição de Ahmadinejad, que se deu por meio de uma plataforma conversadora e uma política externa altamente retórica, representou o retorno aos ideais mais reacionários da Revolução Islâmica (1979) (LOFTIAN, 2010, pp. 39-40). Como Presidente, Ahmadinejad adotou uma agenda política que uniu elementos antissemitas e antissionistas, tendo como sua expressão máxima a negação do Holocausto e a crítica ao Estado de Israel, frequentemente fazendo apologias à destruição deste e à diáspora dos judeus (JASPAL, 2013, p. 234). Logo após sua posse, em 2005, o Presidente Ahmadinejad declarou que Israel deveria ser “varrido do mapa”, sugerindo que os judeus fossem realocados na Europa ou no Alasca (INBAR, 2008, pp. 214-215). Declarações semelhantes foram feitas durante seus anos de governo, sobretudo a utilização de termos como “regime sionista” e a associação do sionismo ao racismo (UNITED NATIONS GENERAL DEBATE 2009, 2010, 2011, 2012)³⁴.

Em seus dois mandatos, Ahmadinejad procurou assegurar os interesses geoestratégicos do Irã e seu *status* regional (BARZENGAR, 2010, p. 176). Considerando os arranjos políticos, culturais e de segurança do país como suas fontes de poder, a política externa e regional foi impulsionada por fatores geoestratégicos e ideológicos (BARZENGAR, 2010, p. 177). Nesse sentido, Ahmadinejad formulou um processo de aproximação com *like-minded regimes* (ALEXANDER, HOENIG, 2007; BARZENGAR, 2010, pp. 181-183; LOFTIAN, 2010). Esta aproximação aconteceu,

³⁴ Apesar da eleição de Rouhani em 2013 ter demonstrado mudança na condução do tratamento da questão nuclear, a política externa iraniana não passou por grandes rupturas em relação ao Hezbollah, Hamas e Síria. Declarações de líderes religiosos e militares contra Israel ainda são frequentes.

sobretudo com o Hezbollah no Líbano, o Hamas na Faixa de Gaza e o regime alauíta na Síria.

A relação de proximidade com o Hezbollah data do surgimento da organização como grupo de resistência xiita na Guerra Civil Libanesa na década de 1980. Após seu surgimento, o Hezbollah amplificou suas bases políticas e sociais no sul do Líbano, engajando-se fortemente na questão palestina³⁵ e, desde então, adotando uma postura contra Israel (ALEXANDER; HOENING, 2007, p. 65). A idealização do Hezbollah foi influenciada pelos ideais da Revolução, sobretudo o de expansão do xiismo, salientando que a associação do Irã com esta organização tem como base princípios ideológicos e religiosos (*ibid.*, pp. 67-68). Os ganhos deste relacionamento são traduzidos em vantagens estratégicas como o combate à ameaça militar de Israel e a institucionalização do xiismo como elemento relevante na política de poder regional (BARZENGAR, 2010, p. 182). Além do apoio iraniano, o Hezbollah também conta com o patrocínio sírio. Desde a década de 1970, quando Hafez al-Assad assumiu a presidência da Síria, o país se alinhou ao Irã e ao Hezbollah por causa de sua doutrina religiosa.

Em contraposição, a relação com o Hamas não é baseada em pressupostos de expansão da Revolução ou do xiismo, e tampouco parte de orientações religiosas comuns, já que o grupo palestino é sunita. Entretanto, o Irã é um dos principais financiadores dessa organização (ALEXANDER; HOENING, 2007, p. 86). O Hamas surgiu no final da década de 1980 como um grupo palestino de resistência, advogando pela destruição de Israel e o estabelecimento de um Estado Palestino regido pelo *sharia* dentro das fronteiras da Palestina histórica (Mandato Britânico) (GANOR, 2007). O interesse iraniano no Hamas está na atuação do grupo na Palestina, principalmente nos atentados contra Israel. A perspectiva iraniana sobre Israel é que este representa um “implante ocidental”, um aliado dos EUA na região e, portanto, um cliente de toda a estrutura imperialista do Ocidente.

Nesse contexto, a centralização dos temas de segurança, feita pela mídia, e a apresentação da ameaça nuclear iraniana por Netanyahu como a mais eminente ameaça existencial para Israel conferiu *centralidade* para a questão. O tratamento da ameaça

³⁵ O engajamento do Hezbollah contra Israel não se limitou à questão palestina. Também teve dimensão importante a resistência deste grupo durante os 30 anos (1982-2006) de incursões israelenses no sul do Líbano (ALEXANDER; HOENING, 2007, p. 66).

nuclear iraniana nos meios de comunicação, tanto na época das campanhas eleitorais como durante os mandatos, elevaram a atenção dos judeus-israelenses para esse problema. Segundo McCombs, Shaw e Wæver (*apud* TSAFATI; TUCACHINSKY; PERI, 2009, p. 401) quanto mais um determinado assunto é debatido pela mídia, mais este é percebido como importante pela audiência. Nesse sentido, a publicidade da campanha de 2009, dos discursos de Netanyahu na Universidade de Bar-Ilan, em ocasiões nacionais, no Congresso estadunidense, na Assembleia Geral, e as constantes aparições públicas com o ex-Ministro da Defesa Barack em 2009 possibilitaram a assimilação do programa nuclear iraniano como um assunto emergencial pela população israelense³⁶.

Este cenário também foi resultado de uma crescente priorização dos assuntos de segurança na sociedade israelense. Tal fenômeno se iniciou nos anos 1970, quando partidos de esquerda iniciaram um processo gradual de perda de legitimidade para partidos de direita (que priorizavam assuntos de segurança) (DINSKI, 2010). A intensificação de um cenário regional temeroso, a radicalização do conflito palestino a partir dos anos 1990 e o desenvolvimento do programa nuclear iraniano acabou por intensificar, na sociedade israelense, um sentimento de “*nation under siege*” (MUSTAFA; GHANEM, 2010, p. 26)³⁷, fator que confere *comensurabilidade* para o *frame*.

Este sentimento tem raízes na história do povo judeu. A destruição de Israel antiga pelas conquistas dos assírios, dos babilônicos e dos romanos serve como guia para os políticos atuais lidarem com situações de ameaças existenciais (DAVID, 2012, p. 504). Essa relação foi retomada por políticos israelenses: Netanyahu citou diversas vezes a tentativa de genocídio do povo judeu no livro de Ester, estabelecendo uma comparação entre o Império Persa e o atual Irã (EIRAN; MALIN, 2013, p. 79). Reproduzindo discurso semelhante, Moshe Feiglin, um membro do parlamento filiado ao Likud, declarou que os iranianos estavam, assim como os nazistas, agindo como

³⁶ Resultados de pesquisa realizada pelo *Jerusalem Center of Public Affairs* em 2012 constatou que 66% dos israelenses acreditavam que o Irã desenvolveria armas nucleares que seriam utilizadas contra Israel e 77% dos israelenses acreditavam que a ameaça iraniana era uma ameaça para Israel (EIRAN; MALIN, 2013, p. 78).

³⁷ Segundo os autores este sentimento não foi estimulado simplesmente pelo aumento do terrorismo palestino ou pelo cenário regional, ele se insere em um contexto de mudanças sociopolíticas em Israel: a intensificação da imigração de judeus da antiga União Soviética e a ascensão de partidos de direita.

amalequitas³⁸: “Eles iniciaram uma guerra existencial contra nós.” (EIRAN; MALIN, 2013, p. 80, tradução própria). Tais declarações evidenciam porque a apresentação do programa nuclear iraniano tem ressonância cultural (*fidelidade narrativa*) entre a população israelense: um Irã com capacidade nuclear é equiparável aos amalequitas ou aos nazistas. Para os israelenses, o risco de aniquilação física é real e, em parte, isto é resultado da centralização do Holocausto na vida política de Israel (*ibid.*, p. 78). A possibilidade do Irã desenvolver uma bomba significava a possibilidade de um segundo Holocausto.

A percepção do programa nuclear iraniano como uma ameaça de aniquilação física se relaciona com outras narrativas de ameaças existenciais contra o povo judeu. Segundo Inbar (2008, p. 86), a experiência histórica do povo judeu (Israel bíblica) e o Holocausto intensificaram a perspectiva da *realpolitik*³⁹, ampliando o sentimento de insegurança e isolamento de muitos israelenses (*nation under siege*). Em reza da Páscoa a retórica de ameaça existencial é ressaltada na seguinte passagem: “*For it was not one man alone who rose against us to destroy us. In every generation they rise up to destroy us. And God, blessed be He, save us from their hands*” (WIESEL, 2004, p. 41). Desse modo, a proposição de estratégias de contenção para o programa nuclear iraniano se relaciona com um histórico de “superação de ameaças”. Segundo Elie Wiesel (2004, p. 41) toda a Hagaddah⁴⁰ pode ser entendida como a história da sobrevivência do povo judeu.

A intersecção entre a ameaça representada pelo programa nuclear iraniano e as visões de mundo dos israelenses, assim como a associação desta com referências histórico-culturais conferem *consistência* para o *frame*. Como candidato, Netanyahu investiu em uma campanha que o representasse como líder capaz de resguardar a integridade física de Israel (GERSTENFELD, 2010)⁴¹ e, como Primeiro-ministro, um líder que protegesse a integridade de Israel como o lar judeu (PRIME MINISTER OFFICE, 2009b, 2011a, 2012a, 2013a, 2014a). Principalmente durante seus discursos,

³⁸ Inimigos históricos do povo hebreu.

³⁹ Política ou diplomacia baseada no pragmatismo, em detrimento de ideologias.

⁴⁰ Texto que ordena as rezas da celebração da Páscoa.

⁴¹ Como o *slogan* apresentado na campanha de 2013 foi similar ao de 2009, considera-se que a construção de um líder forte também foi estratégia da eleição de 2013.

Netanyahu declarou que como Primeiro-ministro e, portanto, portador dos desejos e esperanças de seu povo, era seu dever não colocar Israel em risco frente à ameaça iraniana, prezando pela segurança de seu país (PRIME MINISTER OFFICE, 2011a). Nesse contexto, pesquisa realizada pelo *Haaretz* em outubro de 2008 indica a *credibilidade do articulador*: em assuntos de segurança, Netanyahu era o candidato em que a população mais confiava (GERSTENFELD, 2010, p. 15).

A eleição deste candidato em 2009 e 2013 demonstrou que a grande parte população israelense concordava com a perspectiva do Likud para os assuntos de segurança de Israel. Após a Guerra do Líbano e a Operação *Cast Lead*, a opinião pública já esperava que o novo Primeiro-ministro se distanciasse do governo anterior no trato das questões de segurança, assumindo uma postura que privilegiasse os interesses israelenses na questão (DIKER, 2010, p. 92)⁴². Tal postura salienta a *centralidade* que as estratégias de contenção formuladas por Netanyahu têm na sociedade israelense.

Ao mesmo tempo em que, na esfera internacional, os discursos de Netanyahu urgiam por uma ação coletiva contra a materialização do programa nuclear iraniano (PRIME MINISTER OFFICE, 2011a), o Primeiro-ministro frequentemente salientava que seu governo estaria preparado para se defender de qualquer ataque iraniano que ameaçasse o Estado de Israel (PRIME MINISTER OFFICE, 2012a, 2012b). Tal posição foi claramente expressa no discurso de 2014 na AGNU: “Nós nos defenderemos contra os nossos inimigos no campo de batalha [...] Israel permanecerá altivo e orgulhoso” (PRIME MINISTER OFFICE, 2014b, tradução própria). Esse “tratamento duplo” que Netanyahu concede à questão se associa a visão israelense (tanto do governo, como da população) de que o mundo está contra Israel. Esta se relaciona com o chamado “novo antissemitismo” (*comensurabilidade*). Segundo Jaspal (2013, pp. 232-233), o novo antissemitismo é caracterizado por posições críticas ao sionismo, sobretudo no que se refere à questão palestina. Essa orientação é particularmente defendida pela esquerda e se manifesta por meio da adoção de resoluções nos Comitês das Nações Unidas que condenam a conduta israelense e a ocupação dos territórios palestinos, pela caracterização de Israel como um Estado do *apartheid*, e pelo movimento BDS (Boicote, Desinvestimento e Sanções) (POLLER, 2012, pp. 365-366). A adoção desta postura por países da comunidade internacional sinalizaria uma indisposição em relação

⁴² O governo Olmert era de orientação centrista.

a Israel, o que Poller chega a nomear de “conspiração genocida do século XXI” (POLLER, 2012, p. 364). Ou seja, a percepção da comunidade israelense em relação à comunidade internacional é a de que os seus interesses de segurança não serão defendidos por esta, tornando o discurso do Likud sobre Netanyahu como um líder forte ainda mais ressonante (credibilidade do articulador). Essa visão foi ainda ressaltada pelo partido ao retratar os candidatos à Primeiro-ministro dos partidos adversários como inexperientes ou ineptos a assumir as responsabilidades demandadas desta posição (GERSTENFELD, 2010).

Dessa maneira, a centralização de uma ameaça existencial (Irã nuclear) e a intensa mobilização de recursos (estratégias de contenção) para que esta ameaça não se concretize, partindo de argumentos que se relacionam com as visões de mundo da sociedade (“perseguição” do povo judeu) e os problemas por ela enxergados (terrorismo regional) contribuem para com a *consistência* do *frame* desenvolvido por Netanyahu/Likud. A mobilização de recursos foi, em parte, percebida pela intensa movimentação do Primeiro-ministro no âmbito internacional. A proximidade político-militar com os EUA foi a iniciativa internacional que foi percebida pelos israelenses como vital, sobretudo pelo histórico de cooperação na área de segurança entre estes países (PRIME MINISTER OFFICE, 2011b), também verificando *credibilidade empírica*.

A partir da apresentação do programa nuclear iraniano como a principal ameaça existencial para Israel e a assimilação desta ameaça pelos israelenses por meio das campanhas eleitorais do Likud e dos discursos de Netanyahu, o vocabulário desenvolvido por estes para retratar tal contexto se tornou ressonante. Os temas “erro histórico”, “acordo ruim” e “ameaça existencial” se relacionaram com a perspectiva da sociedade israelense sobre a situação securitária regional e como esta se modificaria com o advento de um Irã armado nuclearmente (*credibilidade empírica*).

Estes também são dotados de *fidelidade narrativa*, pois se relacionam com o temor de aniquilação e perseguição física e/ou ideológica que os israelenses associam à experiência do Holocausto o qual tem grande importância no imaginário sociopolítico de Israel. Em muitos casos o Holocausto se torna uma metáfora para a história dos judeus (JASPAL, 2013, p. 232), e seu impacto tem origem em sua singular dimensão da tragédia, o que parece se intensificar com o aumento da tensão política na região (OFER, 2013, p. 71). O terrorismo palestino, a situação política com os países vizinhos

e a retórica antissemita iraniana foram interpretados como uma nova propaganda nazista e, diferentemente do ocorrido na Segunda Guerra Mundial, a retórica destes atores foi motivo de grande preocupação (*ibid*, p. 73, 76)⁴³.

Por causa dessa experiência e o impacto que ela causou, a “não passividade” frente à ameaça genocidas defendida por Netanyahu usufruiu de grande saliência entre a população israelense. Os discursos de Netanyahu, tanto na AGNU, quanto em ocasiões domésticas, falavam sobre o orgulho da superação de obstáculos pelo judeu (PRIME MINISTER OFFICE, 2009b, 2011a, 2012a, 2012b, 2013a, 2013b, 2013c, 2014b). Estes obstáculos, para além da superação do Holocausto, foram concretizados no estabelecimento do um Estado. A defesa do Estado como um Estado judeu não é entendido apenas como uma questão de *centralidade* pelos israelenses, aliando-se também a visão de mundo destes sobre Israel ser o lar para todos os judeus (*comensurabilidade*) (EIRAN; MALIN, 2012).

O retrato de Netanyahu como um líder que vai assegurar a conquista do povo judeu é acentuada quando suas características pessoais são consideradas: sua *credibilidade* advém de sua imagem como um judeu que é comprometido com a causa sionista e irá sempre defendê-la. A história de sua família e a sua própria trajetória política e militar contribuem com a imagem que o Likud propagou durante os períodos de campanha e no exercício dos mandatos.

⁴³ Ofer argumenta que existiu uma mudança no comportamento judeu em relação à retórica de ameaças. Enquanto na Alemanha na década de 1930 o discurso nazista foi interpretado como “propaganda para conquistar as massas”, as ameaças atuais são tratadas com cautela por causa da experiência do Holocausto (OFER, 2013, p. 76).

Quadro 3. Aplicação dos Critérios de Ressonância

CREDIBILIDADE			SALIÊNCIA		
CONSISTÊNCIA	CRED. EMPÍRICA	CRED. DO ARTICULADOR	CENTRALIDADE	COMENSURABILIDADE	FIDELIDADE NARRATIVA
Articulação da relação entre ameaça existencial e perseguição do povo judeu	<p>Hezbollah/ Hamas (terrorismo islâmico);</p> <p>Antissionismo da política externa iraniana;</p> <p>Cooperação com os EUA;</p> <p>“Ameaça existencial”;</p> <p>“Erro histórico”;</p> <p>“Acordo ruim”</p>	<p>Pesquisa eleitoral (<i>Haaretz</i>);</p> <p>“Incompetência” dos demais partidos em proteger Israel;</p> <p>O “dever de proteger Israel” de Netanyahu como o Primeiro-ministro;</p> <p>Características pessoas de Netanyahu;</p> <p>Likud é o partido da mudança</p>	<p>“Ameaça iraniana” é mais emergencial que a “ameaça palestina”;</p> <p>Meios de comunicação;</p> <p>Priorização das exigências de segurança de Israel;</p> <p>Defesa da identidade de Israel como Estado judeu</p>	<p>“<i>nation under siege</i>”;</p> <p>Novo antissemitismo;</p> <p>Não passividade do povo judeu frente às ameaças de genocídio</p>	<p>Holocausto;</p> <p>Conquista pelos assírios, babilônicos e romanos;</p> <p>Império Persa (Ester);</p> <p>Páscoa;</p> <p>Amalequitas</p>

5. CONCLUSÃO

A apresentação do programa nuclear iraniano, realizada pelo Likud e, especificamente por Benjamin Netanyahu, tratou este como uma ameaça existencial. Apesar da questão não ser uma novidade nas discussões israelenses sobre segurança nacional, esta ameaça foi centralizada durante as campanhas eleitorais do Likud e nos mandatos de Netanyahu a partir de 2009. Em detrimento de outros desafios securitários, como a militância armada palestina, a questão dos refugiados africanos e a segurança cibernética, a questão nuclear iraniana foi amplificada durante os anos de 2009-2014.

Por meio de processos discursivos, Netanyahu salientou o envolvimento do Irã com grupos terroristas regionais, sobretudo o Hezbollah, o Hamas e al-Qaeda, expondo para a população israelense, e para a comunidade internacional, os perigos em se negociar um acordo nuclear com um Estado que era responsável pelos principais desequilíbrios regionais. Além disso, Netanyahu argumentou que a política externa notadamente antissionista do Irã poderia significar a probabilidade de um segundo Holocausto para os judeus. A veiculação dessa mensagem no ambiente doméstico teve como objetivo motivar a população israelense a votar e apoiar o projeto de governo Likud. Na esfera internacional, esta foi uma das estratégias de contenção da ameaça nuclear iraniana, formulada por Netanyahu, e também uma forma de legitimar a plataforma sob a qual o partido havia sido eleito.

A apresentação de estratégias de contenção foi baseada no argumento de que o programa nuclear iraniano tinha fins bélicos e por isso Israel deveria se defender (contestação da versão iraniana - *counterframing*). Além de se identificar como um prognóstico possível (a liderança forte é a única que pode salvar Israel), Netanyahu priorizou as iniciativas no plano internacional por dois motivos: primeiramente, o Primeiro-ministro avaliou que o suporte da comunidade internacional na questão era essencial e; em segundo lugar, os EUA além de sua relevância na formulação de diretrizes da segurança internacional, têm um histórico de aproximação política e militar com Israel, portanto sua assistência era fundamental.

Para motivar a população israelense a apoiar esse projeto de governo, Netanyahu cunhou uma série de expressões que salientavam o caráter emergencial da questão nuclear iraniana, num clara estratégia motivacional. Tais como “ameaça existencial”,

“erro histórico” e “acordo ruim”, estes últimos em relação às negociações dos P5+1 com o Irã. Estes foram associados à sua propaganda de líder comprometido com a proteção de Israel, tanto no plano físico como no plano ideológico (ideal sionista de que o Estado de Israel é um *safe heaven* para todos os judeus).

No contexto eleitoral de 2015, a questão nuclear iraniana foi novamente amplificada em detrimento de outros problemas de segurança, notadamente a questão palestina. A centralização desta questão nas duas últimas eleições, assim como durante todo o período dos mandatos entre 2009-2014, influenciou a vitória eleitoral do Likud em 2015. Essa influência se deu pela priorização de um paradigma de segurança, enquanto questões diplomáticas como as negociações do processo de paz permaneceram quase estagnadas⁴⁴. Outro fator, que também contribuiu para tal resultado, foi a exploração, novamente, de proposta de governo e propagandas que foram ressonantes na população israelense nas eleições passadas, como, por exemplo, o tratamento do programa nuclear iraniano como ameaça existencial e a valorização da capacidade de liderança de Netanyahu. A vitória eleitoral do Likud em 2015 foi facilitada pela centralização do programa nuclear iraniano, durante 2009-2014, na medida em que a priorização desta questão repetiu uma estrutura de campanha que, a partir da amplificação de uma ameaça externa, formulou prognósticos que identificavam o próprio partido como solução.

⁴⁴ Com exceção da iniciativa Kerry (2013-2014).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALEXANDER, Y.; HOENING, M. *The new Iranian leadership: Ahmadinejad, Terrorism, Nuclear Ambition, and the Middle East*. Westport, Londres: Praeger Security International, 2007.

BARZENGAR, K. Iran's foreign policy strategy after Saddam. *The Washington Quartely*, Vol. 33, No. 1, pp. 173-189, 2010.

BBC NEWS. Talks On long-term Iran nuclear deal open in Vienna. *BBC News*, 18 fev. 2014. Disponível em: <http://www.bbc.com/news/world-middle-east-26236281> Acesso em: 30 mai. 2015.

BENFORD, R.D. Framing activity, meaning, and social movement participation: the nuclear disarmament. PhD tese. Universidade do Texas, Austin 297 pp., 1987.

_____. 'You could be the hundredth monkey': collective action frames and vocabularies of motive within the nuclear disarmament movement. *Sociological Quarterly*, Vol. 34, pp. 195-216, 1993.

_____. An insider's critique of the social movement framing perspective. *Sociological Inquiry*, Vol. 67, pp. 409-430, 1997.

BEN-MEIR, A. Israel's response to a nuclear Iran. *International Journal on World Peace*, Vol. 27, No. 1, pp. 61-78, 2010.

CARVALHO PINTO, V. Exploring the interplay between Framing and Securitization theory: the case of the Arab Spring protests in Bahrain. *Revista Brasileira de Política Internacional*, Vol. 57, No. 1, pp. 162-176, 2014.

CORSI, J. R. *Why Israel can't wait: The coming war between Israel and Iran*. New York, London, Toronto, Sidney: Threshold Editions, 2009.

DAVID, S. R. Existential threats to Israel: Learning from the ancient past. *Israel Affairs*, Vol. 18, No. 4, pp. 503-525, 2012.

DEL SARTO, R. A. Back to square one: the Netanyahu government and the prospects for Middle East Peace. *Mediterranean Politics*, Vol. 14, No. 3, pp. 421-428, 2009.

DIKER, D. Israel's return to security-based diplomacy. *Jerusalem Center for Public Affairs*, pp. 90-101, 2010.

DISKIN, A. The Likud: the struggle for the centre. *Israel Affairs*, Vol. 16, No.1, 2010, pp. 51-68.

EIRAN, E; MALIN, M. B. The sum of all fears: Israel's perception of a nuclear-armed Iran. *The Washington Quartelry*, Vol. 36, No. 3, pp. 77-89, 2013.

EVANS, J.H. Multi-organizational fields and social movement organization frame content: the religious pro-choice movement. *Sociological Inquiry*, Vol. 67, pp. 451-469, 1997.

FIREMAN, B.; GAMSON, W.H. Utilitarian logic in the Resource Mobilization Perspective. In: ZALD, M.N.; MCCARTHY, J.D. *The Dynamics of Social Movements*. Cambridge, MA: Winthrop Publishers, pp.8-45, 1979.

FREILICH, C. D. Striking Iran: the debate in Israel. *The International Institute for Strategic Studies*, Vol. 54, No. 6, pp. 93-106, 2012.

GAMSON, W.A. *Talking Politics*. Nova York: Universidade de Cambridge Press, 1992a.

_____. The social psychology of collective action. In: MORRIS, A.D.; MUELLER, C.M. *Frontiers in Social Movement Theory*. Nova Haven, CT: Universidade de Yale Press, pp. 53-76, 1992b.

_____. Constructing social protest. In: *Social Movements and Culture*. JOHNSTON, H.; KLANDERMANS, B. Mineápolis: Universidade de Mineápolis Press, pp. 85-106, 1995.

_____. Constructing social protest. In: JOHNSTON, H.; KLANDERMANS, B. *Social Movements and Culture*. Minneapolis: Universidade de Minneapolis Press, pp. 85-106, 1995.

GANOR, B. Israel, Hamas and Fatah. In: ART, R.; RICHARDISON, L. *Democracy and Counterterrorism: Lessons from the Past*. Washington, D.C.: United States Institute of Peace, 2007, pp. 261-303.

GERHARDS, J. e RUTCH, D. Mesomobilization: organizing and framing in two protest campaigns in West Germany. *American Journal of Sociology*, Vol. 34, pp. 225-248, 1992.

GERSTENFELD, M. The run-up to the elections: A political history of the 2009 campaign. *Israel Affairs*, Vol. 16, No. 1, pp. 14-30, 2010.

GOFFMAN, E. *Frame Analysis: An Essay on the Organization of the Experience*. Nova York: Harper Colophon.

INBAR, E. *Israel's National Security: Issues and Challenges since the Yom Kippur War*. Londre, Nova York: Routledge, 2008.

_____. The decline of the Labor Party. *Israel Affairs*, Vol. 16, No. 1, pp. 69-81, 2010.

JASPAL, R. Anti-Semitism and Anti-Zionism in Iran. *Israel Affairs*, Vol. 19, No. 2, pp. 231-258, 2013.

JASPER, J.M.; POULSEN, J.D. Recruiting strangers and friends: moral shocks and social networks in animal rights and anti-nuclear protests. *Social Problems Journal*, Vol 42, pp. 493-512, 1995.

KARMON, E. Iran and its Proxy Hezbollah: Strategic Penetration in Latin America. *Real Instituto Elcano*, working paper.

KLANDERMANS, B. Mobilization and participation: social-psychological expansions of resource mobilization theory. *American Society Review*, Vol. 49, pp. 583-600.

KOBER, A. The Israel Defense Forces in the Second Lebanon War: Why the poor performance? *The Journal of Strategic Studies*, Vol. 31, No. 1, pp. 3-40, 2008.

LEV-ON, A. Campaign online: Use of the Internet by Parties, Candidates and Voters in National and Local Elections Campaigns in Israel. *Policy & Internet*, Vol. 3, No. 1, 1-30 p., 2011.

LIVAK, L.; LEV-ON, A.; DORON, G. MK websites and the personalization of Israeli politics. *Israel Affairs*, Vol. 17, No. 3, pp. 445-466, 2011.

LOTFIAN, S. The New Role of Latin America in Iran's Foreign Policy. *Iranian review of Foreign Affairs*, Vol. 1, No. 3, pp. 33-62, 2010.

MARCUS, J. The 2009 Israeli election: A bump in the road to peace. *The Washington Quarterly*, Vol. 32, No. 1, pp. 69-81, 2009.

MINISTRY OF FOREIGN AFFAIRS. Foreign Minister Liberman Addresses the UN General Assembly. 2010. Disponível em : < http://mfa.gov.il/MFA/PressRoom/2010/Pages/FM_Liberman_Addresses_UN_General_Assembly_28-Sep-2010.aspx >. Acesso em: 10 set. 2015.

MOFTAH, L. Israel Elections 2015: Social and Economic Issues, not Iran, dominate political race. *International Business Times*, 11 mar. 2015. Disponível em: < <http://www.ibtimes.com/israel-elections-2015-social-economic-issues-not-iran-dominate-political-race-1844016> >. Acesso em: 10 out. 2015.

MUSTAFA, M.; GHANEM, A. The empowering of the Israeli extreme right in the 18th Knesset elections. *Mediterranean Politics*, Vol. 15, No. 1, pp. 25-44, 2010.

NETANYAHU, B. The Strategy to end Terrorism. *New Perspectives Quarterly*, Outono 2001, pp. 58-65, 2001.

_____. Babysitter. 2015. Disponível em: < <https://www.facebook.com/Netanyahu/videos/10152686579632076/> >. Acesso em 2 nov. 2015.

OFER, D. We Israelis Remember, But How? The Memory of the Holocaust and the Israeli Experience. *Israel Studies*, Vol. 18, No. 2, pp. 70-85, 2013.

OLIVER, P; JOHNSTON, H. *What a good idea! Frames and ideologies in social movement research. Mobilization 5*: In press, 2000.

PETERS, J. Israel's new government. *Mediterranean Affairs*, Vol. 18, No. 2, pp. 318-324, 2013.

POLLER, N. Attacking Israel with genocidal intentions. *Israel Affairs*, Vol. 18, No. 3, pp. 363-371, 2012.

PRIME MINISTER OFFICE. PM's Speech at the Begin-Sadat Center at Bar-Ilan University. 2009a. Disponível em: < <http://www.pmo.gov.il/English/MediaCenter/Speeches/Pages/speechbarilan140609.aspx> >. Acesso em: 10 set. 2015.

_____. PM Netanyahu's Speech at the UN General Assembly. 2009b. Disponível em: < <http://www.pmo.gov.il/English/MediaCenter/Speeches/Pages/speechUN240909.aspx> >. Acesso em: 10 set. 2015.

_____. Remarks by Israeli PM Netanyahu to the U.N. General Assembly. 2011a. Disponível em: < <http://www.pmo.gov.il/English/MediaCenter/Speeches/Pages/speechun230911.aspx> >. Acesso em: 10 set. 2015.

_____. Speech by PM Netanyahu to a Joint Meeting of the U.S. Congress. 2011b. Disponível em: < <http://www.pmo.gov.il/English/MediaCenter/Speeches/Pages/speechcongress240511.aspx> >. Acesso em: 10 set. 2015.

_____. PM Netanyahu's Speech at the Institute for the National Security Studies' Conference on Security Challenges. 2012a. Disponível em: < <http://www.pmo.gov.il/English/MediaCenter/Speeches/Pages/speech290512.aspx> >. Acesso em: 10 set. 2015.

_____. PM Netanyahu's Speech to the United Nations General Assembly in New York. 2012b. Disponível em: < <http://www.pmo.gov.il/English/MediaCenter/Speeches/Pages/speechUN270912.aspx> >. Acesso em: 10 set. 2015.

_____. Address by PM Netanyahu at the Holocaust Remembrance Day Ceremony. 2013a. Disponível em: < <http://www.pmo.gov.il/English/MediaCenter/Speeches/Pages/speechholocaust070413.aspx> >. Acesso em: 10 set. 2015.

_____. PM Netanyahu's Speech at the United Nations General Assembly. 2013b. Disponível em: < <http://www.pmo.gov.il/English/MediaCenter/Speeches/Pages/speechUN011013.aspx> >. Acesso em 10 set. 2015.

_____. PM Netanyahu's Statement at the Opening of the Winter Knesset Session. 2013c. Disponível em: < <http://www.pmo.gov.il/English/MediaCenter/Speeches/Pages/speechknesset141013.aspx> >. Acesso em: 10 set. 2015.

_____. Address by PM Netanyahu at the Institute for National Security Studies. 2014a. Disponível em: < <http://www.pmo.gov.il/English/MediaCenter/Speeches/Pages/speechINSS290614.aspx> >. Acesso em: 10 set. 2015.

_____. PM Netanyahu's Speech at the United Nations General Assembly. 2014b. Disponível em: < <http://www.pmo.gov.il/English/MediaCenter/Speeches/Pages/speechUN290914.aspx> >. Acesso em: 10 set. 2015.

RAVID, B. Netanyahu: If I'm Elected, There Will Be No Palestinian State. *Haaretz*, 16 mar. 2015. Disponível em: < <http://www.haaretz.com/israel-news/elections/1.647212> >. Acesso em 10 out. 2015.

RYNHOLD, J. Peace and Security in the 2006 Election. *Israel Affairs*, Vol. 13, No. 2, pp. 384-400, 2007.

_____. Peace and Security in the 2009 election. *Israel Affairs*, Vol. 16, No. 1, pp. 142-164, 2010.

SANDERS, R. Israel and the realities of mutual deterrence. *Israel Affairs*, Vol. 15, No. 1, pp. 81-97, 2009.

SNOW, D.A. Framing Process, Ideology, and Discursive Fields. In: SNOW, D.A.; SOULE, S.A. KRIESI, H. *The Blackwell Companion to Social Movements*. Blackwell Publishing Ltda. pp. 380-412, 2004.

SNOW, D.A. et al. Frame Alignment Processes, Micromobilization, and Movement Participation. *American Sociological Review*, Vol. 51, No. 4, pp. 464-481, 1986.

SNOW, D.A.; BENFORD, R. Ideology, Frame Resonance, and Participant Mobilization. In: KLANDERMANS, B.; KRIESI, H.; TARROW, S. *International Social Movement Research, Vol 1: From Structure to Action. Comparing Social Movement Research across Cultures*. Lanham: Rowman & Littlefield, pp. 205-212, 1988.

_____. Framing Processes and Social Movements: An Overview and Assessment. *Annual Review of Sociology*, Vol. 26, pp.611-639, 2000.

SNOW, D.A.; OLIVER, P.E. Social movements and collective behavior: social psychological dimensions and considerations. In: COOK, K.S.; FINE, G.A.; HOUSE, J.S. *Sociological Perspectives on Social Psychology*. Boston: Allyn & Bacon, pp. 571-599, 1995.

STEIN, R.L. Inside Israel's Twitter War Room: History of a Social Media Arsenal. Middle East Research and Information Project (MERIP), Washington, 24 nov. 2012. Disponível em: < <http://www.merip.org/mero/mero112412> >. Acesso em: 14 set. 2015.

TABRIZI, A.B.; SANTINI, R.H. EU Sanctions against Iran: new wine in old bottles? *Instituto Per Gli Studi di Politica Internazionale*, No. 97, pp 1-7, 2012.

TARROW, S. *Power in Movement*. Nova York: Universidade de Cambridge Press, 1998.

THE WHITE HOUSE. Remarks by President Obama and Israeli Prime Minister Netanyahu in press availability. 2009. Disponível em: < <https://www.whitehouse.gov/the-press-office/remarks-president-obama-and-israeli-prime-minister-netanyahu-press-availability> >. Acesso em: 12 set. 2015.

TSFATI, Y.; TUKACHINSKY, R.; PERI, Y. Exposure to news, political comedy, and entertainment talk shows: concern about security and political mistrust. *International Journal of Public Opinion Research*, Vol. 21, No. 4, pp. 399-423, 2009.

WASHINGTON POST. The complete transcript of Netanyahu's address to Congress *Washington Post*. 3 mar. 2015. Disponível em: < <https://www.washingtonpost.com/news/post-politics/wp/2015/03/03/full-text-netanyahus-address-to-congress/> >. Acesso em 11 out. 2015.

WIESEL, E. *A Passover Haggadah: As Commented Upon by Elie Wiesel and Illustrated by Mark Podwal*. Nova York, Londres, Toronto, Sydney: Simon & Schuster.

WILNER, M.; KEINON, H. Netanyahu says recognition of Jewish state is 'minimal requirement for peace'. *The Jerusalem Post*. 12 ago. 2013. Disponível em: < <http://www.jpost.com/Diplomacy-and-Politics/Netanyahu-Tougher-sanctions-will-lead-to-a-better-deal-on-Iran-334339> >. Acesso em 11 out. 2015.